

Contracapa 3

Exortação do Papa Francisco
por ocasião do encerramento do centenário das aparições marianas
Fátima (Portugal), 13 de outubro de 2017.

*“Nunca tenhais medo,
Deus é muito melhor do que todas as nossas misérias.
Ele gosta muito de nós.
Ide em frente!
Nunca vos afasteis da Mãe:
como um menino está ao lado da sua mãe
e se sente seguro,
assim, junto da Virgem,
nos sentimos muito seguros,
ela é a nossa garantia...
Nunca deixeis o Rosário, nunca deixeis o Rosário,
rezai o Rosário, como Ela o pediu”.*

Mensagem de vídeo transmitida aos peregrinos
reunidos na “Cova da Iria”
e transcrita pelo Observatório Romano no dia seguinte



**1617 - 2017
400º aniversário
do carisma**

**Sumário
Novembro-Dezembro 2017**

VIDA ESPIRITUAL

- 354 Carta do Advento 2017
Padre Tomaž Mavrič, Superior geral
- 361 Carta de 25 novembro de 2017
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral

SEMINARIUM 2017

- 364 O Espírito Santo nos conduz
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral
- 375 A vitalidade do carisma na Companhia
Padre Javier Álvarez, Vigário geral
- 387 A vocação missionária da Companhia
Padre Javier Álvarez, Vigário geral
- 400 As Constituições nos tornam livres para amar
Irmã Rosanna Pitarresi, Filha da Caridade
- 418 Pontos para reforçar na formação de Formadoras
e na formação inicial
Padre Tomaž Mavrič, Superior geral

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

- 425 Designação das Visitadoras e Nomeação dos Diretores provinciais

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

- 427 Índice geral de 2017

Padre Tomaž Mavrič, Superior geral

Carta do Advento 2017

**“O amor é inventivo até o infinito”
e, conseqüentemente,
na Eucaristia, encontramos tudo.**

A todos os membros da Família Vicentina

Minhas queridas irmãs e irmãos,

A graça e a paz de Jesus estejam sempre conosco!

Na minha carta de 27 de setembro de 2016, para a festa do nosso fundador, eu os encorajei a refletir sobre São Vicente de Paulo como o “místico da caridade”. A partir desta carta, começamos a refletir sobre o que faz de São Vicente de Paulo um místico da Caridade.

Na carta do Advento de 2016, refletimos sobre a “Encarnação” como um dos pilares da espiritualidade de São Vicente de Paulo. Na carta da Quaresma de 2017, aprofundamos o segundo pilar da espiritualidade do nosso fundador, a “Santíssima Trindade”. Na carta do Advento deste ano, meditaremos sobre o terceiro pilar da espiritualidade de São Vicente, a “Eucaristia”.

Em um texto sobre os fundamentos da nossa espiritualidade onde evoca a Encarnação e a Santíssima Trindade, São Vicente deixa entender que na Eucaristia, podemos encontrar tudo. Ele escreveu:

E porquanto, para venerar perfeitamente estes mistérios, [da Santíssima Trindade e da Encarnação] não se poderia apresentar nenhum meio mais excelente do que o devido culto e bom uso da sagrada Eucaristia, quer a consideremos como sacramento quer como sacrifício, pois contém em si como que a essência dos outros mistérios da fé e por si mesma santifica e, finalmente, glorifica as almas dos que dignamente comungam e devidamente celebram, e daí resulta amplíssima glória a Deus uno e Trino e ao Verbo Encarnado. Por isto nada teremos por mais recomendado do que rendermos a devida honra a este sacramento e sacrifício como também trabalharmos com todo o desvelo para que por todos lhe seja dada a mesma honra e reverência, o que procuraremos cumprir com todo o esforço, impedindo principalmente, quanto puder ser, que acerca dele algo se faça ou diga irreverentemente, e ensinando com diligência aos outros o que devem crer deste tão soberano mistério e de que modo devem venerá-lo¹.

Na Eucaristia encontramos e podemos refletir, meditar, contemplar, adorar e ter um encontro pessoal em todas as etapas da vida de Jesus, desde a sua Encarnação:

- Jesus no ventre de Maria;
- Jesus na manjedoura;
- Jesus, criança em Nazaré com os seus pais, Maria e José;
- Jesus durante seus três anos de missão, anunciando a Boa Nova;
- A Paixão e a Morte de Jesus na Cruz;
- A Ressurreição de Jesus;
- A Ascensão de Jesus;
- A Santíssima Trindade.

Com esta intuição de que na Eucaristia podemos encontrar tudo, acrescentam-se outras palavras proféticas e inspiradoras, nascidas da sua mais profunda experiência de vida: “o amor é inventivo até o infinito”. Uma das frases mais conhecidas de Vicente, tendo utilizado estas palavras específicas com referência à Eucaristia, para tentar explicar o que é a Eucaristia, o que a Eucaristia produz, o que encontramos na Eucaristia. A imaginação de Jesus encontrou este meio concreto para estar sempre conosco, nos acompanhar sempre e permanecer conosco todos os dias, até o fim do mundo. Seu amor, inventivo até o infinito, não cessa de nos surpreender, hoje, aqui e agora!

Além disso, como o amor é inventivo até o infinito, deixou-se pregar no patíbulo infame da cruz, para conquistar as almas e os corações daqueles por quem quer ser amado. Não falamos de outros e ao mesmo tempo inumeráveis recursos de que ele se serviu para este fim, durante sua permanência entre nós. Prevendo que sua ausência poderia ocasionar algum esquecimento ou resfriamento em nossos corações, quis evitar este inconveniente, instituindo o Santíssimo Sacramento, no qual está real e substancialmente presente, como está no céu. Ainda mais, viu que, se ele se rebaixasse e se aniquilasse mais do que o fizera em sua Encarnação, poderia de algum modo tornar-se mais semelhante a nós, ou ao menos tornar-nos mais semelhantes a ele. Sendo assim, fez com que este venerável Sacramento fosse para nós como carne e bebida, pretendendo, por este meio, que a mesma união e semelhança efetuada entre a sua natureza divina e a sua carne mortal acontecesse espiritualmente em cada um de nós. Como o amor tudo pode e tudo quer, ele o quis assim. E, temendo que os homens, não entendendo bem este inaudito mistério e estratégia de amor, viessem a negligenciar a se aproximar desse Sacramento, a isso os obrigou, sob pena de provocarem a sua

eterna desgraça: Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, non habebitis vitam. (Se não comerdes a carne do Filho do Homem, não tereis a vida em vós) (cf. João 6,53)².

Se podemos encontrar tudo na Eucaristia, logo, é na Eucaristia, aqui e agora, que Jesus nos fala desde o ventre de sua Mãe. Ele nos fala aqui e agora desde a manjedoura como recém-nascido. Ele nos fala aqui e agora como criança em Nazaré. Ele nos fala aqui e agora como Aquele que foi enviado pelo Pai e que, por onde passava, fazia o bem. Ele nos fala aqui e agora de sua Paixão e de sua morte na Cruz. Ele nos fala aqui e agora de sua Ressurreição. Ele nos fala aqui e agora de sua Ascensão. Ele nos fala aqui e agora como uma das três pessoas da Trindade. A realidade aqui e agora de todo ser humano desde sua concepção até a morte está sempre presente no aqui e agora da Eucaristia, assim como, o aqui e agora da Eucaristia está presente no aqui e agora de cada ser humano.

Quando instituiu o Santíssimo Sacramento, disse aos seus apóstolos: Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum; o que significa: desejei ardentemente comer convosco esta páscoa. Ora, se o Filho de Deus que, na Sagrada Eucaristia, se entrega a si próprio, a desejava tão ardentemente, desiderio desideravi, não será justo que a alma que o deseja receber e de quem Ele é o soberano bem, o desejo de todo o seu coração? O que disse aos seus apóstolos, podeis ter a certeza, minhas Filhas, o diz ainda a cada uma de vós. É por isso que deveis procurar excitar o vosso desejo por meio de qualquer bom pensamento. Desejais vir a mim, Senhor; e quem sou eu? Mas, meu Deus, desejo de todo o meu coração ir a Vós, pois sois o meu supremo bem e o meu último fim. O falecido Senhor Bispo de Genebra dizia que celebrava sempre como se fosse a última vez, e comungava como por viático. A prática é excelente, e vo-la aconselho, tanto quanto me é possível³.

Caríssimos irmãos e irmãs, o tempo do Advento nos oferece uma excelente ocasião para aprofundar e fortalecer este terceiro pilar da nossa espiritualidade vicentina: a Eucaristia, este “*amor inventivo até o infinito*”, este lugar onde podemos encontrar tudo! Neste sentido, sugiro adotar as seguintes práticas para intensificar, renovar ou aprofundar o lugar da Eucaristia em nossa vida:

Antes da celebração da santa Missa, dediquemos tempo, em silêncio, para nos preparar para acompanhar Jesus no caminho do Calvário, da Cruz, da sua Morte e Ressurreição.

Após a celebração da santa Missa, dediquemos tempo, em silêncio, para agradecer a Jesus pela possibilidade de testemunhar e de participar cada vez mais do seu Sacrifício, sua Morte e Ressurreição.

Uma vez por semana, dediquemos pelo menos meia hora de adoração diante do Santíssimo Sacramento em Comunidade, ou participemos da adoração na Paróquia ou onde a adoração ao Santíssimo Sacramento é proposta.

Todas as vezes que sairmos de casa para ir a algum lugar, paremos na capela da Comunidade ou ao passar diante de uma Igreja, entremos um instante para pedir a Jesus no sacrário que nos acompanhe até o nosso destino, no serviço que somos chamados a realizar, na tarefa que devemos cumprir.

... após ter adorado o Santíssimo Sacramento e Lhe oferecido o trabalho que irão realizar, pedir-Lhe-ão a graça de dizer aos pobres doentes o que Ele deseja que lhes seja dito, em Seu nome, para a salvação deles⁴.

Todas as vezes que voltarmos de algum lugar, paremos na capela da Comunidade ou na Igreja para agradecer a Jesus, todas as bênçãos.

*Guardar-se-ão também outros louváveis costumes da Congregação, como são estes: imediatamente antes de sair de casa como também depois de voltar, ir à Igreja e saudar a Cristo sacramentado*⁵.

Durante o dia, façamos uma rápida visita a Jesus no sacrário para nos permitir renovar nossa paz interior, para nos recolhermos, para receber um sinal ou uma resposta às perguntas e às dúvidas que estão presentes em nossa mente, em um determinado momento.

*...ora, quando lhes disserem alguma coisa descortês que tenham dificuldade em suportar, não respondam, mas elevem o vosso coração a Deus para Lhe pedirem a graça de sofrer isso por Seu amor, e não contar o vosso desgosto a Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento...*⁶

Eu pedi ao nosso coirmão, Emeric Amyot d’Inville, missionário em Madagáscar, para compartilhar conosco uma reflexão pessoal sobre a Eucaristia. Que seus pensamentos possam inspirar a nossa própria contemplação.

São Vicente dava uma importância muito especial à Eucaristia, tanto na vida espiritual dos seus filhos e filhas espirituais, como também na pregação missionária. Para nós, hoje, ela deve manter este lugar central. Permitam-me compartilhar alguns pontos que, hoje, me parecem ter uma importância particular para a nossa vida espiritual e nosso apostolado.

Esta primeira reflexão é direcionada especialmente na intenção dos sacerdotes. Gostaria de destacar um dado importante e, às vezes, negligenciado: quando nós, ministros da Eucaristia, celebramos a missa, nos fazemos *um* com Cristo, devido ao nosso *sacerdócio ministerial*: agindo em nome e na pessoa de Cristo, que é a Cabeça, entramos no “eu” do único grande sacerdote, Jesus. Nós lhe emprestamos nossa voz, nossas mãos e nosso coração para que, ao dizer na primeira pessoa as próprias palavras de Jesus “*Este é o meu corpo... Este é o meu sangue*”, ele mesmo realize a transformação do pão em seu Corpo e do vinho em seu Sangue. Assim, ocorre para nós, Padres, uma intimidade maior com o Cristo que devemos experimentar diariamente e através da qual um sentido muito profundo é dado a nossa identidade sacerdotal.

Todos nós, Sacerdotes, Irmãos, Irmãs e leigos vicentinos, através do nosso batismo, para retomar a expressão do Concílio, somos “fiéis de Cristo”. Também, devido ao *sacerdócio comum dos fiéis* que compartilhamos, cabe a todos nós, sem distinção, oferecer ao Pai a nossa vida e a de todos que nos rodeiam, em união com a oblação eucarística de Cristo. Durante a missa, no momento do ofertório, ou mesmo durante a elevação, dediquemos tempo para associar a nossa vida, a vida do mundo e da Igreja à oferenda de Jesus a seu Pai para dar-Lhe glória e receber Dele graças e bênçãos. É desta maneira que nossa missa se reveste de uma densidade humana especial que é oferecida por Jesus Cristo a Deus Pai.

Todos nós que, indistintamente, somos fiéis, recebemos a Comunhão, culminância da missa. As palavras de Jesus em São João, “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,56), devem alimentar e orientar nossa ação de graças após a comunhão para fazer dela um momento de intimidade amorosa, no silêncio e no recolhimento, com o Cristo, sobre o qual João disse, em sua introdução à ceia pascal: “*tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim*” (13,1b). O Cristo que nos *amou até o fim* tanto em sua Paixão como na Eucaristia, na qual Dele fazemos memória, espera nosso amor em resposta ao seu. É o momento, após a comunhão, de Lhe expressar em uma oração silenciosa e fervorosa. Nossa comunhão será tão válida quanto a nossa ação de graças.

Finalmente, após a missa, ao invés de dizer adeus a Jesus, que deixaremos no silêncio do sacrário, partiremos com ele, “*permaneceremos com Ele e Ele conosco*”, para viver com Ele e n’Ele nosso dia, com seus encontros, alegrias, sofrimentos e responsabilidades. Partiremos com Ele em direção a todos com os

quais convivemos e que nos foram confiados. Nós vicentinos, partimos para evangelizar os pobres, servi-los corporal e espiritualmente, anunciar-lhes a palavra da vida e estar a serviço de sua promoção humana, “seguindo Cristo evangelizador dos pobres” e em união com Ele.

“*Quem permanece em mim e eu nele, esse dará muito fruto*” (Jo 15,5). Tal é o termo da Eucaristia e o segredo da fecundidade espiritual da nossa vida e do nosso apostolado.

Que a reflexão, meditação, contemplação, adoração e o encontro pessoal com Jesus na Eucaristia e no Santíssimo Sacramento - o amor inventivo de Jesus até o infinito, lá onde encontramos tudo – nos ajudem a preparar as próximas festas de Natal, assim como a missão de toda uma vida a qual somos chamados a realizar!

Seu Irmão em São Vicente,

Padre Tomaž MAVRIČ, CM
Superior geral

Notas:

¹ Regras Comuns da Congregação da Missão, capítulo X, artigo, 3

² SV, volume XI, conferência 102, *Exortação a um Irmão na iminência da morte*, 1645, pág.150.

³ SV, conferência 31, de 18 de agosto de 1647, *Sobre a Santa Comunhão*, págs. 222 e 223.

⁴ Coste XIII, 766; Documento 186, *Sobre a preparação dos doentes do Hospital geral à confissão* (1636).

⁵ Regras Comuns da Congregação da Missão capítulo X, artigo 20

⁶ SV, conferência 74, de 23 de julho de 1656, *Sobre o amor dos sofrimentos físicos e morais* (Regras Comuns, art. 6), pág. 583.

IRMÃ KATHLEEN APPLER, SUPERIORA GERAL

Carta de 25 de novembro de 2017

Queridas Irmãs,

“Minha filha, gosto de derramar graças, em particular, sobre a Comunidade. Eu a amo muito ...”

(A Santíssima Virgem à Catarina Labouré, 18 de julho de 1830).

De todo o coração, quero desejar-lhes uma santa e feliz festa de Família para os dias 27, 28 e 29 de novembro. Estaremos unidas durante o tríduo que começa com a Celebração de Nossa Senhora das Graças.

Agradecemos pelo dom da Medalha e sua mensagem que nos lembram o amor de Deus oferecido a todos e o poder de intercessão da Virgem Maria. Temos certeza de que ela acompanha e ampara com seu amor maternal, de modo particular a Companhia, pois foi a própria Virgem Maria que fez esta afirmação à Catarina.

Dediquemos tempo para meditar sobre a vida de Catarina, a Santa do silêncio, que falou muito mais através de suas atitudes e ações do que com palavras e, peçamos-lhe que nos ajude a aprofundar a nossa resposta ao chamado da vocação.

Enfim, agradeçamos a São Vicente e a Santa Luísa pela docilidade à ação do Espírito Santo que permitiu a fundação da Companhia, nascida, sem dúvida, inconscientemente no coração de São Vicente, há

quatrocentos anos. Tantos anos de fidelidade ao carisma nos questionam sobre nossa identidade de Filha da Caridade: como *ser autênticas servas no século XXI?* (Documento Interassembleias, pág.7).

O ano jubilar do aniversário de 400 anos do carisma vicentino está terminando. A demonstração de todos os esforços e da grande criatividade para celebrá-lo, conduziu-me naturalmente à ação de graças. Gostaria de expressar toda a minha gratidão pelos encontros e eventos, pequenos ou grandes, organizados para essa ocasião e que tornaram o nosso carisma ainda mais conhecido em todo o mundo. Esta realidade foi constatada durante a peregrinação do coração de São Vicente em toda a França, seu país natal. Todas estas celebrações contribuíram também para renovar em nós o sentido da nossa história, da nossa pertença à Companhia e, fortaleceram a colaboração dentro da Família Vicentina.

O Simpósio em Roma, ao qual todas puderam marcar presença, graças às mídias ou unidas em pensamento e oração, nos fez retomar a consciência da riqueza e do potencial desta grande Família Vicentina. O projeto “Aliança com os sem-teto” lançado nesta ocasião é um forte sinal dessa riqueza e potencial. Estamos em contato com a Comissão responsável pela implementação deste projeto em âmbito internacional. Comuniquei-lhe que todas já estão bem envolvidas em numerosas iniciativas em favor dos sem-teto; algumas Irmãs serão solicitadas para contribuir com precisões. Continuo contando com todas para que me informem sobre as novas ações que serão efetuadas nos próximos meses.

Penso igualmente nos compromissos concretos assumidos em resposta ao nosso Documento Interassembleias, referentes às escravidões modernas, bem como, às ações a serviço dos migrantes e refugiados, muitas vezes realizadas em rede de colaboração.

A internacionalidade da caridade também é vivida através da missão Ad Gentes. No dia 29 de novembro, teremos a alegria de enviar em missão a Irmã Halina KOWALSKA, da Província de Cracóvia, para a Província del Caribe. Agradecemos-lhe pelo “sim” generoso a este chamado missionário.

Sem dúvida alguma, a celebração deste ano jubilar deixará marcas em nossa vida pessoal e comunitária e produzirá frutos no futuro. A beatificação que aconteceu na Espanha, dos sessenta mártires, dos quais quarenta são missionários da Congregação da Missão e duas de nossas Irmãs, nos desafia a fortificar a nossa fé e a nossa fidelidade, a ousar dar testemunho da esperança e da caridade, dia após dia.

Permaneçamos em comunhão de oração por e com aquelas e aqueles que sofrem as consequências das catástrofes naturais, para com as vítimas da opressão, da injustiça, da violência e, com as pessoas que se encontram em situação de grande precariedade.

Confio a cada uma, igualmente, a preparação da Assembleia geral do MISEVI em fevereiro, e o Encontro Interassembleias das Visitadoras em maio de 2018.

Agradeço-lhes pela oração e asseguro minhas preces nas intenções de cada uma, principalmente neste período em que começam a pedir a graça da Renovação. Ao entrar no tempo do Advento, alimentemos a chama do nosso amor por Cristo, a quem queremos seguir. Que Maria Imaculada, estrela do Advento, nos obtenha em abundância as graças de que tanto precisamos para nos doarmos totalmente a Deus e aos pobres!

Com toda a minha afeição,

Irmã Kathleen APPLER
Filha da Caridade

Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral

O Espírito Santo nos conduz

Introdução

“No ano de 1623, no dia de Santa Mônica, Deus concedeu-me a graça de fazer o voto de viuvez, se Ele chamasse a Si o meu marido. Em seguida, no dia da Ascensão, caí num grande abatimento de espírito por causa da dúvida se deveria deixar meu marido, como o desejava insistentemente, a fim de reparar meu primeiro voto e ter mais liberdade para servir a Deus e ao próximo. Duvidava também se o apego que eu tinha a meu Diretor, ausente por muito tempo, não me impediria de tomar outro e temia estar a isso obrigada. E sofria muito também, com a dúvida da imortalidade da alma, o que me fez ficar, da Ascensão até Pentecostes, numa aflição incrível. No dia de Pentecostes, participando da Santa Missa ou fazendo oração na Igreja, de repente, fui esclarecida de minhas dúvidas e avisada de que deveria permanecer com meu marido e, tempo viria em que estaria em condições de fazer voto de pobreza, de castidade e obediência, numa pequena comunidade, com pessoas que fariam o mesmo. Entendi, então, que isso seria num lugar dedicado a servir ao próximo: não podia porém, compreender de que jeito se faria isso, porque, haveria idas e vindas. Fui assegurada também, de que deveria permanecer em paz quanto a meu Diretor; Deus me daria outro que, (então) me fez ver, segundo me parece e senti repugnância em aceitá-lo. Entretanto, consenti, parecendo-me que ainda não era hora de fazer-se essa mudança. Minha terceira pena foi-me tirada pela certeza que senti em meu espírito de que era Deus quem me ensinava tudo o que foi dito acima e, se Deus existia, não poderia duvidar do resto. Sempre acreditei ter recebido esta graça pelo Bem-aventurado Bispo de Genebra, por haver desejado muito, antes de sua morte, comunicar-lhe minha aflição e depois, haver sentido grande devoção e recebido, por seu intermédio, muitos favores. Naquela ocasião, sei ter havido algum motivo para crê-lo assim, do que agora não me lembro” (SL, E.3, pág. 781 e 782 - LUZ DE PENTECOSTES).

Luísa de Marillac sempre manifestou uma afeição particular pela festa de Pentecostes. Ela desejava que o fogo ardente do Espírito de Deus destruísse todo o mal que nela pudesse existir, para restabelecer, fortificar e desenvolver nela as graças recebidas no Batismo. Luísa tinha uma percepção muito forte e profunda do Amor divino, fonte viva de energia. Na festa de Pentecostes, Luísa convidava as Irmãs a acolher este dom do Espírito!

I - O ESPÍRITO É NOSSO EDUCADOR.

“Jesus disse aos apóstolos: “Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não sois capazes de as compreender agora. Quando, porém, vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à plena verdade. Pois, ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido; e até as coisas futuras vos anunciará. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará. Tudo o que o Pai possui é meu. Por isso, disse que o que ele receberá e vos anunciará, é meu” (Jo 16, 12-15).

Diz-se com frequência que o Espírito nos guia. Em que sentido? Primeiro porque o Espírito é nosso educador. Ele aperfeiçoa em nós o sentido espiritual. Torna-nos mais sensíveis ao que prejudica a nossa relação com Deus: nossas negligências, nossos desânimos, nossa falta de generosidade no amor.

Depois, o Espírito nos ensina o louvor. Ele nos dá o gosto de louvar a Deus, em comunidade, ou em nossa oração pessoal. Por quê? Porque ele nos coloca na presença de Deus que é fiel à sua própria generosidade de maneira extraordinária. Nossa resposta é o louvor: que alegria para nós que Deus é Deus!

Certamente, podemos pedir ao Espírito para esclarecer nossas escolhas, nossas decisões. Penso por exemplo, no Evangelho das bodas de Caná. Maria apresenta seu pedido, pois acredita em Jesus. Ele começa recusando, depois, podemos pensar que consulta seu Pai no Espírito, e logo, oferece a superabundância, é a festa, a alegria para todos!

É pelo envio do seu Espírito que Jesus continua sua missão e garante sua presença na humanidade inteira. É pelo dom do seu Espírito que se faz presente tanto na história dos homens como na história de cada uma de nossas vidas. Ele está presente em cada um de nós, se assim o desejarmos, se O acolhermos. Sem o Espírito Santo, Jesus permanece para nós um grande personagem da história, talvez, admirável, mas situado em um só lugar, em um só tempo. Pelo Espírito Santo, ele se torna presente a cada uma de nossas vidas.

II - O ESPÍRITO SANTO NOS PERMITE CONHECER O CRISTO COMO FILHO ÚNICO DE DEUS.

Podemos e devemos ter o melhor conhecimento possível sobre Jesus de Nazaré, sobre os acontecimentos de sua vida, os sinais que realizou, seus discursos e ensinamentos. Melhor ainda, devemos esforçar-nos para bem conhecer a história de Israel e de sua aliança com Deus, sem a qual, jamais entenderemos a vinda do Messias anunciada pelos profetas. Devemos ainda conhecer o melhor possível do contexto histórico da vida de Jesus, a ocupação romana na Palestina e a civilização da bacia do mediterrâneo. Mas tudo isto não nos dará a fé em Cristo, Filho do Deus Vivo.

Certamente que se trata de estudos sérios e às vezes, difíceis, mas nossa fé não repousa nestes estudos necessários. Ela vem do conhecimento interior da pessoa de Jesus que nos é dado pelo Espírito Santo. Temos dificuldade em compreender como funciona esta presença e esta ação do Espírito Santo. Há nisto uma boa razão: o Espírito Santo é espírito e não matéria.

Tudo o que é da ordem da matéria, nós vemos, sentimos, experimentamos, podemos situá-lo e medi-lo. O que é espírito, por definição é invisível, imperceptível, não palpável. Jesus nos diz no Evangelho de acordo com São João: *“O vento sopra onde quer; ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito”* (João 3, 8).

Não se vê um sopro, não o capturamos, não o detemos, não o conservamos e portanto, ele age com uma grande força, faz movimentar o mundo. Não somente impulsiona as nuvens nos céus, mas ativa também as tempestades e os furacões. É uma força ativa invisível em si mesma, porém, visível através dos seus efeitos. O Espírito de Deus não é visto por ninguém, não fica conservado em algum lugar da terra, ou em uma casa, não é representável e não pode ser reproduzido por nada. Ele está em nós de um modo imperceptível, porém não está localizado em algum espaço de nosso ser, do coração, da cabeça, nem nos lóbulos cerebrais ou no sistema nervoso.

Ele nos faz conhecer verdadeiramente o Cristo. Jesus nos fala no Evangelho segundo São João: *“Disse-vos estas coisas enquanto estou convosco. Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito”* (João 14, 25-26). E ainda: *“Quando, porém vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à plena verdade. Pois, ele não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido; e até as coisas futuras vos anunciará”* (João 16, 13).

III - O ESPÍRITO SANTO NOS DÁ TESTEMUNHO DO CRISTO VIVO, HOJE.

O Espírito Santo não nos foi dado simplesmente para assegurar um bom desempenho de nossa vida cristã pessoal ou eclesiástica. Jesus nos diz no Evangelho: “*Vós sois as testemunhas de tudo isso. Eu enviarei sobre vós o Prometido de meu Pai; entretanto, permaneçei na cidade, até que sejais revestidos da força do alto*”(Lc 24, 48-49). Esta “força” anunciada é o próprio Espírito de Deus que eles receberão no dia de Pentecostes para que se tornem testemunhas de Cristo, não somente em Jerusalém, mas no mundo inteiro: “*Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*” (Mt 28, 19).

Ser cristão significa receber uma missão do Cristo para ser sua testemunha em toda a terra. Devemos refletir seriamente sobre esta missão. Estamos acostumados a viver em uma sociedade onde a fé é considerada como uma escolha privada, que não deve ser exteriorizada. Estamos tão acostumados a isto que internalizamos esta maneira de compreender a vida e acreditamos que existe uma espécie de humanidade em estado neutro, sem nenhuma referência a crenças. Então a fé, quer seja cristã, judaica, muçulmana ou budista, aparece como uma espécie de suplemento facultativo que não acrescenta nada à existência humanista neutra. Ela pode adicionar no máximo, algumas ações privadas como a oração, desde que não perturbem a aparente unanimidade social.

Esta visão, amplamente compartilhada, torna toda expressão pública da fé suspeita de proselitismo ou de sectarismo. Como vivemos esta espécie de camuflagem de fé sob o véu da “tolerância” que é, justamente, a intolerância com relação a toda expressão particular? Devemos reconhecer que a vivemos muito mal, entre dois extremos simétricos. Ou bem, aceitamos tornar-nos cristãos clandestinos e nos escondermos em nossa pertença a Cristo e à Igreja. Ou bem, transformamo-nos em cristãos ostentadores e pregadores. Nenhum destes dois extremos correspondem ao caminho que o Cristo nos convida a percorrer.

A palavra e a esperança que recebemos não são destinadas a serem guardadas em segredo, mas compartilhadas. Que estima teríamos por nossos semelhantes e que amor sincero, se aceitássemos conservar para nós o que temos de mais precioso? Se nossa fé é um tesouro que anima nossa vida, como poderíamos desejar guardá-la para nós?

A questão é saber como a partilhamos. Trata-se de sair por aí com cartazes para anunciar Jesus Cristo? Se fosse suficiente proclamar o evangelho para que o testemunho fosse ouvido, bastaria financiar a Aliança bíblica mundial ou comprar uma página de publicidade nos jornais e esperar o resultado. Costuma-se dizer que não sabemos comunicar, como se anunciar a fé fosse um simples problema de comunicação ou de promoção comercial.

O testemunho verdadeiro é aquele que compromete a vida com a palavra que anuncia, ou seja, que anuncia a boa nova mostrando primeiramente seus efeitos em sua própria vida. Nossa palavra de amor será ouvida e acolhida se deixarmos imediatamente que ela converta nossa vida em amor. Nosso chamado à conversão será levado a sério se imediatamente aceitarmos levar uma vida de convertidos.

IV - A FORÇA DO ESPÍRITO

Esta convergência entre o anúncio da Boa Nova e a conversão de nossa vida pode resultar em nós um sentimento de desânimo. Como poderíamos ambicionar levar uma vida que corresponda verdadeiramente aos apelos do Cristo, se não somos capazes de ajustar nossa vida ao que cremos? Como seríamos capazes de nos tornar testemunhas da fé? Como poderíamos enfrentar a indiferença ou a hostilidade que nos assaltam quando tentamos declarar-nos amigos e discípulos de Cristo? Se nossa reputação ou nossa imagem são assim tão preciosas, como arriscá-las na confrontação das ideias ou das crenças?

Se assumimos estes objetivos como sendo nossos, apoiados em nossos próprios recursos, corremos um grande perigo de cair no desânimo ou no desespero, a não ser que escolhamos simplesmente renunciar a tudo. Visto que sou pecador e fraco, não me peçam para que me torne testemunha da misericórdia e do poder de Deus. É exatamente aqui que a assistência do Espírito Santo intervém. Nós não somos as primeiras testemunhas da ressurreição de Cristo, é o próprio Espírito Santo que dá testemunho, como Jesus disse aos seus discípulos.

Somente através da força do Espírito Santo é que podemos esperar realizar a missão que Jesus confia aos discípulos e à Igreja, portanto a cada um de nós. Este é o dom da força que recebemos através do Sacramento da Confirmação que faz de nós verdadeiras testemunhas do Senhor. É a cada cristão que esta missão é confiada, portanto a cada um e a cada uma de nós.

Através da missão de formadora cada uma participa da obra e da ação do Espírito Santo na vida das jovens que lhes são confiadas. A ação do Espírito Santo se realiza através de cada uma. O Espírito Santo nos acolhe tal como somos. Ele forma e transforma as pessoas que o recebem! Ele age em diferentes níveis.

A Constituição 51 indica muito bem esta obra do Espírito:

a. **A formação é antes de tudo a ação de Deus presente no coração da pessoa que ele chama.** Em seguida, é obra da própria Irmã, no seu desejo de fidelidade crescente à vocação.

b. **Nesta descoberta do desígnio de Deus sobre si mesma, a Filha da Caridade não está sozinha,** A Companhia está ao seu lado para ajudá-la a tornar-se serva de Cristo nos Pobres.

c. **O lugar privilegiado onde se realiza esta experiência é a Comunidade local,** em cujo seio todas as Irmãs estão conscientes de sua responsabilidade na formação.

d. **O trabalho de formação é particularmente confiado a Irmãs animadas do espírito vicentino,** com a experiência de vida comunitária e da vida apostólica entre os pobres. Estas Irmãs recebem uma formação correspondente a este serviço. São abertas ao diálogo, capazes de assegurar um acompanhamento e de ajudar num discernimento no respeito à pessoa e na verdade.

V - ENVIO: VIVER EM CRISTO SEGUNDO A FORMA DE VIDA DO EVANGELHO:

Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte e sentou-se. Os discípulos aproximaram-se, e Jesus começou a ensiná-los:

BEM-AVENTURADOS OS POBRES EM ESPÍRITO, PORQUE DELES É O REINO DOS CÉUS.

Bem-aventuradas sois, ao sentir-vos pobres diante da sublime tarefa de formar o Cristo nos corações; confiai na ação do Espírito Santo, que mostra Jesus como “o mais belo dos filhos dos homens”.

É o Espírito que desperta o desejo de se conformar profundamente a Cristo. É ele que coloca em nossos corações os sentimentos do Filho e faz surgir em nós suas emoções, afeições, sensibilidade; é o Espírito que acende a paixão do anúncio para que o estilo de vida do Filho de Deus seja visível em nosso tempo. Quando isto for alcançado, o Evangelho se revelará de uma maneira nova e o Reino de Deus se fará presente no meio de nós.

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS, PORQUE SERÃO CONSOLIDADOS.

Bem-aventuradas sois se sabeis compartilhar com as pessoas em formação o esforço da conversão, da dificuldade da resposta generosa, de tudo deixar para seguir Cristo.

Bem-aventurados, sois formadores e formadoras se sabeis acolher em vossos corações os sofrimentos dos jovens, se olhais para eles com empatia sem reservas, permitindo-lhes que descarreguem parte do peso dos seus sofrimentos em seu coração, se vós os acolheis com a ternura e a misericórdia do Pai.

Bem-aventurados os formadores e formadoras que choram por causa das decepções e dos fracassos que inevitavelmente encontram. Tende a certeza de que recebereis a consolação do Senhor, que enxugará todas as lágrimas e tornará fecundo o vosso serviço.

BEM-AVENTURADOS OS MANSOS, PORQUE POSSUIRÃO A TERRA.

Bem-aventuradas sois, quando sabeis esperar com paciência o tempo do amadurecimento da boa semente plantada com constância e confiança, sem nada impor através da força ou da astúcia, sem pretender administrar vós mesmos a colheita.

Bem-aventurados os formadores e formadoras semeadores que continuam a semear em qualquer situação, a cada instante, em todos os corações, sabendo que a semente tem a sua força e eficácia.

Bem-aventurados sois vós, quando agirdes sem jamais cometer qualquer violência, sutil ou dissimulada, nem mesmo para obter o bem, pois Deus vos dará a terra prometida dos corações.

Bem-aventurados os formadores e formadoras que através da mansidão, lembram às pessoas em formação que o único e verdadeiramente necessário é tornar-se como vasos de argila, nos quais outros poderão beber o céu em pequenos goles.

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FOME E SEDE DE JUSTIÇA, PORQUE SERÃO SACIADOS.

Bem-aventuradas sois se tendes em vosso coração o desejo intenso de ver a justiça de Deus realizada, sua paixão pela vida e pela fraternidade. Se buscais o plano divino em cada pessoa, mesmo quando não sois compreendidas; sem impor as próprias opiniões ou os interesses do Instituto, para que cada um possa ser ele mesmo de acordo com o sonho de Deus.

Bem-aventuradas sois, quando fizerdes isto, pois a verdade vos dará a liberdade de exigir o compromisso total de cada jovem que vos foi confiada, de ser credível e capaz de persuasão. O Pai atenderá os santos desejos do vosso coração.

BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS, PORQUE ALCANÇARÃO MISERICÓRDIA.

Bem-aventurados sois, formadores e formadoras, quando encontrardes o Deus rico em ternura deixando sua misericórdia modelar em vós um coração de carne, compassivo, capaz de descobrir o fogo sob as cinzas daquele que parece ter perdido toda a esperança. Quando animardes a força da chama que parece apagada, ensinareis os caminhos para descer em direção às numerosas terras da dor e, ser consolação de Deus. Vós sereis testemunhas do Deus que escuta o clamor do pobre, que vê as misérias humanas e que se debruça sobre eles com misericórdia. As jovens vos seguirão.

Bem-aventurada a comunidade de formação, pequena Igreja fraterna com as portas abertas, onde a jovem entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se - se for necessário - até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo.

BEM-AVENTURADOS OS PUROS DE CORAÇÃO, PORQUE VERÃO A DEUS.

Bem-aventuradas sois, se tendes um coração sincero, uma vida sem hipocrisia e um olhar transparente. A formação na vida consagrada é um itinerário de purificação do coração para que ele possa entrar no mistério daquele que ama eternamente. Conduzi as jovens com um compromisso constante, a viver em comunhão com Deus sem duplicidade, a experimentar de sua intimidade nas “coisas” do seu Pai (*cf Lc 2, 49*).

Bem-aventurado a formadora que transmite às jovens a beleza de Deus e a certeza de que somente o Eterno pode saciar a sede de amor do coração humano.

Bem-aventurada a formadora apaixonada por Deus e apaixonada pela humanidade que sabe comunicar ao mesmo tempo a beleza de amar a Deus com um coração humano e, amar as pessoas com um coração que está aprendendo a amar de maneira divina.

Bem-aventurada a formadora que sabe olhar para as jovens com os olhos de Deus e ver Deus em seus corações!

BEM-AVENTURADOS OS QUE PROMOVEM A PAZ, PORQUE SERÃO CHAMADOS FILHOS DE DEUS.

Bem-aventurados sois, formadores, homens e mulheres em paz consigo mesmos, se vós sois sensíveis à imensa necessidade de paz em um mundo dividido, se vós construí a paz no coração dos outros e nas relações.

Bem-aventurados os que educam para paz e para a unidade interior como alicerce de toda fraternidade.

Bem-aventurados sois vós que sabeis formar para a fraternidade organizada e para a convivência das diferenças na variedade das culturas: pois, é onde o Senhor habita. Com as jovens, vós sereis filhos de Deus e desarmarão os corações de toda agressividade, como uma terapia de bondade e de bênção para todos.

BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO PERSEGUIDOS POR CAUSA DA JUSTIÇA, PORQUE DELES É O REINO DOS CÉUS

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa do testemunho que dão do Senhor Jesus, alegria dos olhos e delícia dos corações.

Bem-aventuradas sóis vós, formadoras dos países onde os cristãos são perseguidos: vós viveis na própria carne o mistério pascal. Bem-aventuradas as que como o grão de trigo, dão muitos frutos. Em vós e convosco, a Igreja inteira sofre, alimenta a esperança, invoca a paz e anuncia o Reino dos céus.

VI - ENCORAJAMENTO !

“Sobretudo, não tenham medo de acompanhar os jovens no caminho da Páscoa de Jesus. Este é o objetivo almejado de cada percurso da formação, como um caminho que durará toda a vida, em companhia de Maria, Discípula e Mãe aos pés da Cruz.

Queridos formadores e formadoras, a Igreja vos ama, vos aprecia e reza por vós. Sem o vosso serviço, a vida consagrada não poderia existir, ou teria um futuro incerto. Sem a vossa paciência e o vosso discernimento, o povo de Deus correria o risco de não ver mais aquela via luminosa capaz de fazer brilhar, num mundo que passa, o mundo definitivo transfigurado pelas Bem-aventuranças”¹.

*Ó Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho!
Inspirai-me sempre o que devo pensar, o que devo dizer,
como devo dizê-lo, o que devo calar, aquilo que devo escrever,
como devo agir, aquilo que devo fazer,
para procurar a Vossa glória, o bem das almas e minha própria santificação.*

Cardeal Jean Verdier (1864-1940)

Padre Bernard SCHOEPFER, CM
Diretor geral

Nota

¹ Congresso Internacional - Roma, de 7 a 11 de abril de 2015, § 12 http://www.servantesdejesus-marie.org/0_Actualite/Archives14/0.VieConsacree/Textes/11.04.15MessageFinal.pdf

PADRE JAVIER ALVAREZ, CM

A vitalidade do carisma na Companhia

Este ano do aniversário de 400 anos do início do carisma vicentino é uma oportunidade especial para refletir sobre o carisma e a Instituição. O carisma e a instituição estão unidos, completam-se e se enriquecem mutuamente.

I - A INSTITUIÇÃO AO SERVIÇO DO CARISMA

Começaremos com uma história atribuída ao filósofo Kierkegaard: *“Um jovem europeu viajando pela China, conheceu em uma estação de trem uma jovem chinesa com a qual esteve uma única vez. Ele se apaixonou perdidamente por essa mulher, mas não podia conversar com ela. Não conhecia o idioma e não podia lhe escrever e nem receber as suas cartas. Voltando ao seu país após a viagem pelo oriente, decidiu aprender chinês para se comunicar com sua amada. Teve muitas dificuldades; não foi fácil encontrar onde aprender chinês. Mergulhou de cabeça no estudo da língua e tanto se esforçou que se tornou um eminente sinólogo, convidado a dar conferências na Europa inteira sobre a língua e cultura chinesa. Seus estudos, suas viagens e compromissos se tornaram tantos que, no início, ele escrevia para sua chinesinha tão amada e dela recebia resposta em papel perfumado. Depois, não mais encontrava tempo para escrever. Como ele viajava tanto, ela não sabia para onde mandar as cartas. O moço europeu acabou sendo tão importante que esqueceu a linda mulher pela qual aprendeu o chinês. Esqueceu o primeiro amor.*

Esta história nos adverte sobre a prudência que devemos ter ao zelar para que as Instituições estejam sempre a serviço do carisma e nunca percam a finalidade para a qual foram fundadas. As Instituições que têm uma longa história, como a Companhia das Filhas da Caridade e a Congregação da Missão têm experimentado acréscimos, costumes e até mesmo desvios que devem ser identificados e corrigidos, tal como o Decreto “Perfectae caritatis” pedia, há mais de 50 anos, com o propósito de “voltar às fontes”. A celebração do 400º aniversário do início do carisma pode ajudar-nos a cuidar das nossas Instituições e, em âmbito pessoal “voltar ao primeiro amor”, de acordo com as palavras do livro do Apocalipse.

O sociólogo Max Weber estudou a história das Instituições e concluiu que elas são como os seres vivos: nascem com muita força, por muitos anos permanecem fortes e fiéis, mas chega um momento em que começam a declinar e a perder as forças. E, se elas não se renovam, acabam morrendo. Um teólogo e sociólogo brasileiro, Raimundo Barros, seguindo o pensamento de Max Weber, ousou descrever os sintomas de uma instituição religiosa que precisa de renovação. Apresento-lhes alguns destes sintomas:

- Olhar mais para trás do que para a frente. Compreendamos bem! Olhar para trás é necessário porque o passado é o berço do carisma, e deve sempre ser um ponto luminoso para o presente e para o futuro. No entanto, uma coisa é olhar para trás para bem discernir qual o caminho certo a seguir e, outra bem diferente é permanecer bloqueado no saudosismo, no passado e, assim, não enfrentar o tempo presente que com frequência é muito difícil.

- Perceber as dificuldades como problemas e não como oportunidades para crescer. Situações de “crises” podem ser convertidas em verdadeiros “*kairós*”. Tudo isto é válido tanto para as pessoas como para as Instituições. A questão decisiva é : “*como enfrentar o novo, as crises, as realidades e os problemas?*” Pode-se enfrentá-los como uma pessoa idosa, com pouca energia ou com uma atitude jovem e promissora, que sempre encontra um caminho de esperança.

- Preocupar-se de maneira excessiva com tudo o que está relacionado à economia e às questões jurídicas em detrimento dos aspectos carismáticos, é também uma forma de buscar segurança, negligenciando, na mesma proporção, a dimensão profética própria do carisma.

- Desistir de buscar mudanças ou melhorias nas estruturas que se tornaram rígidas diante das dificuldades.

- Empregar muito tempo em reuniões para tomar poucas decisões.

- Priorizar o individualismo em relação ao bem comum

- Realizar o serviço com pouca alegria.

Nossas duas Companhias talvez tenham caído em uma certa rotina, talvez, elas precisem ser sacudidas para voltar ao “*primeiro amor*”. Este ano de 2017 será uma ocasião de ouro para isso. Esta frase de Vicente sempre me impressionou: “*Peço a Deus todos os dias, duas ou três vezes ao dia, que nos aniquile se não formos úteis para a sua glória*” (SV, vol. XI, pág. 2).

II – VICENTE DE PAULO NOS MOSTRA UM CAMINHO DE VITALIDADE E DE PLENITUDE

Sabemos que Vicente de Paulo não descobriu de maneira fácil este carisma que o Espírito Ihe inspirou em 1617. Lembremo-nos dos momentos mais importantes da sua caminhada.

1 - Da escuridão à luz.

Vicente de Paulo, durante vários anos, passa seu tempo fugindo de Deus, como o fez o profeta Jonas. Na verdade, Deus não era o centro de sua vida. Vicente buscava ardente uma “honesta aposentadoria” ou um trabalho cômodo, prestigiado e bem remunerado. Entre 1600 e 1617, Vicente passou seus primeiros anos de sacerdócio nesta confusão. Ele não foi um padre ruim, mas Deus não era a referência absoluta em sua vida. Ele fazia as coisas, muitas coisas, mas faltava-lhe um fio condutor que pudesse dar um profundo significado a tudo o que fazia. Ele vivia de maneira incoerente e faltava-lhe a serenidade.

Quando o ano de 1617 começa, Vicente se deixa interpelar por Deus. Hoje, diríamos que ele fez uma forte experiência de Deus graças aos vários acontecimentos. Esta experiência o transformou definitivamente a ponto de dar a Deus, de uma maneira clara e indiscutível, o primeiro lugar em sua vida. A partir de então, toda a sua pessoa vai harmonizar-se, orientar-se a partir de uma escala de valores bem claros: cada coisa ocupa o seu devido lugar e Deus está no centro.

2 - Jesus Cristo mostrou-lhe o caminho de sua vocação

A descoberta fascinante de Jesus de Nazaré, tal como aparece nos Evangelhos, foi o grande princípio orientador de sua vocação e das Instituições que fundou. Seu primeiro biógrafo, Abelly, diz:

“Um dia ele tomou a firme e inviolável resolução de honrar e imitar Jesus Cristo mais perfeitamente como até então não o fizera, isto consistia em dedicar sua vida por amor ao serviço dos pobres”. Abelly conclui: *“seu coração, que estivera tanto tempo na opressão, encontrou-se em uma doce liberdade”* (L. Abelly vida do Venerável Servo de Deus Vicente de Paulo - Livro Três, Capítulo XI, 118-119).

Alguns acontecimentos pessoais, como a acusação do juiz de Sore e as tentações contra a fé, o abalaram profundamente e o levaram a um maior conhecimento de Jesus Cristo, a interessar-se realmente pelos pobres, como o próprio Cristo fizera em sua vida pública. É interessante ver o efeito psicológico que esta proximidade de Jesus Cristo e dos pobres produziu em São Vicente: *“seu coração, que estivera tanto tempo o tempo na opressão, encontrou-se em uma doce liberdade”*, sublinhou Abelly. Isso significa dizer que Vicente encontra a razão de ser de sua vocação em Jesus e nos pobres e sua alma inquieta e dividida, começa a se apaziguar e a se unificar.

3 - O Espírito Santo o torna criativo e audacioso

A última etapa do caminho de Vicente para a plenitude do carisma, tem muito a ver com a sua audácia e criatividade, que precisa ser interpretada não só como o fruto de uma pessoa bem dotada de inteligência e vontade, mas acima de tudo, como um dom do Espírito. A forte experiência de Deus que marcou sua vida para sempre foi a descoberta da vontade de Deus, a partir da descoberta dos pobres de seu tempo, da inspiração de Jesus Cristo para segui-lo exatamente em sua missão entre os pobres. A urgência que esconde a frase *“os pobres se condenam e morrem de fome”*, tornou possível o surgimento de um homem que rompeu com os moldes da Igreja e da sociedade do seu tempo.

Como disse o Padre O'Donnell, Vicente foi mais do que criativo e audacioso, foi um verdadeiro alquimista. Tinha a arte para enfrentar as situações cotidianas e transformá-las em algo duradouro e valioso. Por exemplo, ele não foi o primeiro a pregar uma missão popular, isto já existia em seu tempo, porém, ele a desenvolveu ao ponto de dar uma resposta às pessoas para começarem uma vida nova (através da confissão geral), para promover a reconciliação entre as famílias e aldeias, estabelecer uma forma eficaz de assistência aos necessitados pelas Confrarias da Caridade. Sua criatividade o impulsionou a transformar os ministérios para que pudessem responder às necessidades das pessoas mais abandonadas.

Em outro sentido, ele teve a iluminação e a habilidade suficiente para fundar a Companhia das Filhas da Caridade, consagrada ao mundo dos pobres, em uma época em que não era permitido unir a vida consagrada à vida ativa. Ele soube aproveitar de todos os elementos da vida consagrada para abrir um novo caminho na Igreja, totalmente original e com a aprovação da Igreja. Algo semelhante, podemos dizer da Congregação da Missão. Logo, a *“busca de uma honesta aposentadoria”* ficou para trás.

Quando alguém coloca suas qualidades limitadas a serviço do Espírito, este as multiplica e irreversivelmente as leva a sua plenitude.

III - ALGUNS CAMINHOS QUE PODEM AUMENTAR A CHAMA DO CARISMA NA COMPANHIA

1 - Apropriar-se da experiência espiritual de Vicente

Como vimos, Vicente encontrou o sentido de sua vida quando decidiu amar ainda mais a Jesus Cristo, imitá-lo e segui-lo mais de perto como evangelizador dos pobres. Portanto, a experiência espiritual de Vicente se resumiria em um amor apaixonado por Cristo e pelos pobres, concretizado no seguimento de Cristo Evangelizador e Servo dos pobres. Somente ao reproduzir uma tal experiência é que poderemos falar da atualização da espiritualidade vicentina. Se este for o caso, então terá sentido falar de Assembleias, de reconfigurações, de novas e diferentes maneiras de encarnar a missão hoje e de viver em comunidade. Caso contrário, se falta essa experiência espiritual, falta tudo e a vocação vicentina perde o “fôlego” evangélico e missionário. Sem reacender o dom do carisma e os elementos espirituais que constituem a identidade, o processo de renovação torna-se uma simples reestruturação administrativa, as Assembleias se tornam unicamente processos burocráticos e o Ano Jubilar um mero folclore vicentino.

Em outras palavras, a vitalidade do carisma não virá por meio de Assembleias, documentos, planos de formação, programas pastorais, nem mesmo com a celebração deste ano jubilar; porém, não significa dizer que tudo isso não tenha importância. Eles terão a sua importância, se estiverem presentes no coração de cada vicentino e ele se deixe tocar por eles.

2. Os pobres na vitalidade do carisma.

O serviço e a evangelização foram as grandes descobertas que levaram Vicente a compreender o que Deus lhe pedia. E ainda hoje, ambos representam os mesmos desafios que podem nutrir e revitalizar as Filhas da Caridade, as Comunidades locais, as Províncias e a Companhia inteira. A história nos mostra que nunca seremos capazes de renovar a Companhia sem os pobres, assim como é impossível regar um jardim sem usar água. Ora, os pobres não fazem parte de uma categoria intelectual ou virtual, eles não são um recurso para fazer belos discursos; eles são pessoas reais com dignidade, necessidades e sofrimentos. Eles são o rosto de Jesus Cristo sofredor. É imprescindível ir ao encontro deles, conhecê-los, tornar-se seus amigos, inserir-se em seu mundo e participar de suas vidas. A lógica Vicentina da Encarnação leva a isso. Gustavo Gutiérrez disse: *“Tu dizes que amas os pobres? Como eles se chamam?”* O serviço concreto deve atingir este sentido humano dos pobres. Se isso não acontecer, será preciso avaliá-lo e reorientá-lo. Às vezes, a pressa, sempre justificada por razões das urgências do serviço, acaba tornando o serviço concreto junto a um pobre, um tanto menos humano. Sem o carisma, a Companhia seria na Igreja e na sociedade completamente insignificante, sem atração e sem visibilidade.

Muitos vicentinos e Filhas da Caridade encontram no Papa Francisco uma inspiração e um porta-voz para dinamizar o carisma. Quando o Papa fala de *“Igreja em saída”*, *“não abandonar os pobres”*, *“ir às periferias”*, *“ter a coragem de evangelizar”*, *“deixar os lugares de conforto”*, ou *“cuidar dos mais frágeis da terra”* (EG 97, 33...) é como se Vicente estivesse de volta em nosso mundo. Com sua doutrina evangélica e profética, o Papa Francisco lembra-nos que o nosso carisma é uma atualidade indiscutível, como manifestara explicitamente o Papa João Paulo II, dirigindo-se a toda a Família Vicentina em 1985.

3 - A prática do discernimento como garantia da vitalidade carismática.

Nosso mundo e nossa Igreja são marcados por um amplo pluralismo de tendências, orientações pastorais, pontos teológicos que exigem de nós uma capacidade de discernimento em relação ao nosso carisma.

Falamos sobre as novas pobreza, com uma compreensão abrangente sobre o pobre. Aqui dou como exemplo este texto do “*Novo millennio ineunte*” n° 50: “*o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que frequentemente atingem mesmo os ambientes e categorias dotados de recursos econômicos, mas sujeitos ao desespero da falta de sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social...*”. O documento de Aparecida, n° 405 diz: “*não podemos nos esquecer que a maior pobreza é a de não reconhecer a presença do mistério de Deus e de seu amor na vida do homem...*”.

Nós, Vicentinos, devemos estar vigilantes diante desta expansão da palavra “pobre”, porque, no final, o sentido da categoria dos pobres termina causando confusão. As novas formas de pobreza são tão numerosas e diversificadas que quase todas as pessoas entram em uma ou outra categoria. Diante deste panorama tão variado onde os diferentes pobres, presentes em nosso mundo, são descritos com tanta delicadeza, a Companhia deve manter a convicção de sua herança carismática: os pobres mais abandonados, aqueles que são excluídos das condições básicas da vida. (Coste XI, 392-393 - C. 11b, 25a). A perda desta referência fundamental dilui e ofusca a vitalidade do carisma. Logicamente, a Companhia é fortalecida, no plano carismático, quando sua preocupação e ocupação estão centradas diretamente no mundo daqueles que são desprovidos de tudo.

As Irmãs e, através delas, as Instituições, sabem que a Vontade de Deus se realiza quando a Companhia se deixa conduzir pelo Espírito para discernir, com delicadeza, quem são os verdadeiramente pobres. É isto que lhes dá energia e alegria especiais. Discernir para crescer na “fidelidade criativa”; a fidelidade facilita o discernimento e assim, entra-se na dinâmica de um processo de vida e de plenitude.

4 - A Companhia é fortalecida quando “sai”.

Vicente via a “saída” da Companhia como um “ir e vir” aos pobres. O Papa Francisco propõe a toda a Igreja colocar-se em saída, abandonando o critério pastoral do “*sempre fizemos assim*” e realizar bem a evangelização com criatividade (cf. EG 20-33). A dinâmica bíblica de colocar-se em “*estado de êxodo*”, muito presente também no pensamento de São Vicente, possibilita acolher o Espírito, torna a disponibilidade real e facilita a criatividade nas novas formas de serviço e de evangelização dos pobres.

Do ponto de vista teológico e vicentino “sair” significa deslocar-se realmente e intencionalmente, pelo menos, para ir aonde os pobres estão. Isto significa igualmente se libertar de costumes, de esquemas e ideias que não estão em harmonia com as exigências da Encarnação. Mas tudo isso só pode ser feito a partir de uma descentralização e desinstalação. Esta mudança não é fácil, econômica e socialmente falando, somos pessoas de “centro”, quer estejamos conscientes ou não. Por outro lado, neste sentido, o contexto sociocultural atual de consumismo e individualismo não ajuda. No entanto, é necessário sair da nossa “zona de conforto”, de maneira individual e coletiva, ou seja, de todas as ações, pensamentos e comportamentos que oferecem segurança e comodidade, mas que nos impedem de crescer. O carisma vicentino tem em suas entranhas uma capacidade de produzir um novo entusiasmo, que nos permite uma maior aproximação de Jesus Cristo, descentralizado de si mesmo e amigo dos excluídos.

5 - A alegria e a vitalidade da vocação

Para viver com vitalidade nosso carisma precisamos de alegria. Precisamos dela como o sol que nos aquece ou como o ar que respiramos. De fato, como uma Filha da Caridade poderia viver a sua vocação vicentina com elegância, com dignidade, se lhe faltasse a alegria? São Vicente dizia às primeiras Irmãs: “...o serviço dos pobres empreendido com alegria, coragem, constância e amor...” (conf. de 9 de fevereiro de 1653, pág. 389). Conhecemos, também, a insistência de Vicente para que Luísa de Marillac fosse alegre, apesar do seu caráter, seus trabalhos e os problemas que tinha que enfrentar.

Se os pobres não perceberem nas Filhas da Caridade, a alegria e a felicidade de ter oferecido suas vidas ao Senhor, eles poderão sentir-se servidos, mas não evangelizados. “*Na alegria*, as Filhas da Caridade dão testemunho de Jesus Cristo”, diz a Constituição 9. A situação é a mesma em âmbito comunitário. Precisamos de comunidades alegres, capazes de serem parábolas do Reino no meio deste mundo marcado por todo tipo de violência e medo. Nas Constituições podemos encontrar algumas orientações sobre a alegria comunitária (cf. C. 29, C. 33, C. 59 e o Estatuto 19).

Onde encontrar o tesouro da alegria? A oração, a vida espiritual, a fé no Deus vivo que nos deu uma bela vocação, o serviço dos pobres realizado de maneira concreta, conduzem necessariamente a uma vida cheia de significado. Quanto mais profunda for a relação com Deus e a consciência de uma vida totalmente doada para o serviço dos pobres, maior será a experiência de felicidade pois, perceberemos com melhor clareza a grandeza da vida.

A este caminho fundamental para alcançar a alegria, podemos acrescentar outros, porém, secundários, tais como, aprender a arte de apreciar as coisas simples da vida: uma bela paisagem, uma caminhada, o calor do sol, o perfume da rosa, o sabor de uma refeição simples, uma conversa descontraída, uma boa música, etc. Tantas ocasiões para nos maravilharmos da capacidade de ver, ouvir, saborear, sentir. Como fazemos estas coisas todos os dias, existe o perigo de fazê-las de maneira rotineira. Centrar a atenção nas coisas simples da vida pode ajudar-nos a perceber a beleza e a harmonia de suas diferentes tonalidades. Saibamos aproveitar todas as oportunidades disponíveis para nos encher de luz, de força e de serenidade interior. Nossa vocação e o serviço dos pobres serão os primeiros beneficiários.

IV- A FORMAÇÃO NA COMPANHIA A PARTIR DO CARISMA REVITALIZADO. ALGUMAS CONCLUSÕES.

1 - Formar a partir da beleza da vocação vicentina

Falaremos agora sobre o mito de Ulisses. Conta-se que as sereias seduziam, de maneira irresistível, os navegadores que atravessavam as costas marítimas de uma pequena ilha grega e, que os seus barcos batiam contra as rochas próximas da ilha. Ulisses conhecendo bem o perigo, tapava com cera os ouvidos de seus companheiros, para que não ouvissem as sereias e não fossem seduzidos por seus cantos. Ulisses se prendia ao mastro, a fim de ouvir a voz sedutora das sereias sem sofrer consequências desastrosas. Orfeu, também consciente do perigo das Sereias, agiu diferentemente de Ulisses: ele cantou uma música melodiosa que agradou as sereias e as deixou mudas para sempre.

Hoje, uma formação baseada na disciplina de ferro como o ato de “agarrar-se ao mastro” e “tapar os ouvidos” para não ser seduzido pelo canto do mundo, não ajuda a entender o que é atraente em nossa vocação, não garante o crescimento na identidade e na inculturação necessária. A formação deve, antes de tudo, ter como objetivo ajudar a encontrar, seguindo o estilo de Orfeu, a sua própria melodia interior, encontrar as motivações mais fortes, que permitem engajar-se para viver plenamente a vocação. Desta forma, a candidata ou a Irmã Jovem vai adquirir uma formação sólida, a fim de poder situar-se adequadamente no

mundo e ser capaz de contrapor os valores de nossa cultura globalizada. Obviamente, que tudo isso não pode ser feito negligenciando uma vida organizada e disciplinada, mas esta não pode ocupar o lugar central, como talvez no passado tenha sido o caso.

2 - Outro aspecto na formação inicial: a integração na instituição da Companhia.

Através da experiência adquirida progressivamente, acredito que uma das realidades que produz desconforto entre as Irmãs jovens (poderíamos dizer o mesmo dos nossos jovens missionários) é perceber que são elas que devem carregar o peso das obras, dar continuidade ao seu objetivo, deixando assim, pouco espaço para um contato mais direto com os pobres e com um entusiasmo insuficiente para enfrentar os desafios de hoje. Nossos jovens não querem ver-se como funcionários ou como guardiões de prédios. O verdadeiro patrimônio que se transmite e que deve ser herdado não pode resumir-se a um capital que deve ser supervisionado, mas sim, um carisma que deve ser acolhido, uma espiritualidade que deve ser vivida, um espírito que deve ser expressado e uma missão que deve ser realizada.

As gerações mais jovens vivem a gestão das obras como algo pesado, que enfraquece sua vitalidade. Certamente, a mensagem que os jovens nos dão, entre suas ambiguidades e contradições, é que as obras devem ser administradas de uma forma diferente (por leigos, talvez), a fim de ter espaço para o que é novo, para trabalhar direta e especificamente com os pobres, embora, nem sempre por meio da gestão de grandes projetos ou de grandes obras.

A formação deverá enfrentar as seguintes situações: por um lado, a pouca quantidade de novas vocações, que devem suportar o peso da Instituição que os ultrapassa e, ao mesmo tempo, com frequência, as Irmãs em formação devem confrontar-se com a própria fragilidade, demonstrada, por exemplo, na necessidade de seguir terapias psicológicas. Diante desta fragilidade, as jovens em formação precisam de proximidade, compreensão, carinho, paciência, mas também de clareza, acompanhamento, propostas claras, objetivos específicos a serem alcançados na caminhada pessoal, e exigências ligadas à necessidade de assimilar o carisma. Tudo isso indicado e proposto pelas formadoras e pela comunidade de formação.

3 – Formação para a renúncia a fim de adquirir a pérola de carisma.

Não é nenhum segredo dizer que a sociedade na qual estamos imersos exerce uma influência sobre todos nós, talvez até mais do que podemos imaginar. Assim se expressa a exortação Partir do Cristo, n. 12: *“Ao lado do impulso vital, capaz de testemunho e de doação até ao martírio, a vida consagrada conhece também a insídia da mediocridade na vida espiritual, do progressivo aburguesamento e da mentalidade consumista”*.

Hoje, os jovens que entram em nossas Companhias chegam com o desejo de serem felizes, de sentirem-se satisfeitos no plano emocional e alcançar os desejos e projetos pessoais. No entanto, eles têm dificuldades de se identificar aos valores próprios do nosso carisma, a Jesus Cristo, aos pobres, à oração, à comunidade, etc... Em teoria, isso não lhes parece ser difícil quando falam, mas no concreto da vida é menos coerente. Logo, buscam os aspectos mais agradáveis da vocação e do serviço, rejeitando o que é mais difícil e exigente.

Neste sentido, hoje, pode-se afirmar que se faz mais do que necessário formar para a abnegação, com a dificuldade acrescida de que não é um valor que está em ascensão. Formar para a renúncia, não significa fazê-lo exatamente como no passado, que se resumia em “moderar a vontade”. Hoje, é necessário redescobrir o valor humano e cristão da autêntica ascese, assumi-la de maneira positiva e sem frustração em vista de uma experiência enriquecedora.

A parábola do vendedor de perolas (cf. Mt 13,45-46) nos dá o verdadeiro significado da renúncia: renuncia-se a algumas pérolas preciosas, não porque elas são falsas (elas são autênticas e constituem todo o tesouro do comerciante), mas porque a “pérola definitiva” foi encontrada, aquela que seduz o olhar e o coração. Se a nossa vocação que é centrada no seguimento e na imitação de Jesus Cristo que se coloca a serviço dos pobres, não nos fascina, a mortificação se torna desumana e frustrante. Portanto, a ascese tem muito sentido se ela estiver relacionada com a pérola do carisma.

Padre Javier ÁLVAREZ, CM
Vigário geral

PADRE JAVIER ALVARES, CM

“A vocação missionária da Companhia”

Temos aqui um tema central da espiritualidade da Companhia. Além disso, a vocação missionária deve ser o elemento que orienta as diferentes dimensões da Companhia: o dom de si a Deus, a vida de oração, a formação, a comunidade... Tudo isso deve ser repensado, tendo em consideração a finalidade da Companhia, que não é outra senão a vocação missionária, compreendida em seu sentido amplo. Por outro lado, a vocação missionária é uma urgência para que a Companhia se abra à realidade atual com paixão e, ao mesmo tempo, seja capaz de olhar o futuro com esperança. Em suma, a *fidelidade criativa* toma um significado particular quando se aplica à vocação missionária.

A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA DA COMPANHIA NAS CONSTITUIÇÕES E NO DOCUMENTO INTERASSEMBLEIAS (2015-2021)¹.

No artigo 25 das Constituições está escrito: “*A Companhia é missionária por natureza*”. Em outras palavras, a Companhia é missionária por vocação, ela é chamada a evangelizar, seguindo Jesus Cristo evangelizador dos pobres. “*Para serdes verdadeiras Filhas da Caridade, deveis fazer o que fez o Filho de Deus na terra. E o que fez Ele principalmente? (...) Trabalhou constantemente pelo próximo, visitando e curando os doentes e instruindo os ignorantes, quanto à sua salvação. Como sois felizes, minhas Filhas, por terdes sido chamadas a um estado tão agradável a Deus!*” (SV, conf. de 5 de julho de 1640, pág. 10). A partir desta afirmação fundamental várias conclusões se apresentam:

1. “*O espírito missionário deve animar todas as Irmãs. Estão prontas a servir em qualquer parte aonde forem enviadas*” (C. 25b).

2. “*... a flexibilidade e a mobilidade (são qualidades) necessárias para responder aos apelos da Igreja diante de todas as formas de pobreza*” (C. 25a).

3. “*Quaisquer que sejam o lugar de sua missão e a forma de seu serviço, dispensam uma particular atenção “às sementes do Verbo” presentes em todas as culturas para fazê-las crescer à luz do Evangelho. Respondem assim à preocupação de inculturação da Igreja*” (C. 25c).

4. “*Aquelas que se sentem chamadas a levar o anúncio da salvação aos povos que ainda não o receberam, mantêm-se disponíveis para a missão Ad Gentes, tão cara à vocação das Filhas da Caridade*” (C. 25d). Logo, a missão *Ad Gentes* é uma maneira concreta de realizar a vocação missionária da Companhia, embora não seja a única.

No que se refere à vocação missionária da Companhia apresentada nas Constituições, o Documento Interassembleias 2015-2021, expõe vários pontos:

1. O título do documento "*A audácia da caridade para um novo elã missionário*" reforça a vocação missionária da Companhia superando as antigas dicotomias do corpo e do espírito, alheias ao espírito vicentino. Trata-se de um título muito sensato e sugestivo, porque nestas duas palavras "caridade" e "missão", o carisma está sintetizado. Além disso, os adjetivos "audácia" e "elã", que precedem as palavras "caridade" e "missão", são realmente apropriados. Ambos refletem a atitude apostólica de Vicente sem mencionar seu nome. A relação entre as duas expressões deixa claro que a caridade é missionária e a missão não pode eximir-se da caridade. Entre missão e caridade, existe uma grande simbiose que reforça uma e supõe destacar a outra. Deste modo, à medida que a Companhia se torna mais audaciosa na caridade, ela será mais forte em sua vocação missionária.

2. O documento da Assembleia geral de 2015 aproveita o elã missionário que o Papa Francisco está dando a toda a Igreja, em continuidade ao magistério dos Papas anteriores, que insistiram na Nova Evangelização. O Papa Francisco utiliza muito o verbo "sair", porque ele se harmoniza muito bem com uma vocação e uma Igreja missionária: "*sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*" (EG, 20). Na Palavra de Deus, pode-se notar de maneira permanente esta dinâmica de "saída" que Deus provoca nos homens de fé tais como Abraão, Moisés, Jeremias. O Documento Interassembleias faz conclusões práticas e concretas: "*Sejamos uma Companhia em saída!*" "*Recorramos incessantemente ao Evangelho*", sejamos uma Companhia que se caracteriza por "*ir e vir*", "*vivamos a proximidade com os excluídos...*" (Doc. Interassembleias, pág.6), etc.

3. Dar um novo elã missionário à Companhia pode significar: estar "*atentas aos sinais dos tempos*", "*percorrer caminhos novos*", "*colocar em prática um processo de discernimento para uma revisão efetiva das obras que permitirá ir às periferias*", "*rever nossas escolhas, nossas decisões, nossos compromissos à luz da Palavra de Deus, da Doutrina Social da Igreja e das Orientações da Companhia*" (Doc. Interassembleias, págs. 15-16).

4. A Companhia ratifica sua vocação missionária como Instituição, e também aplica esse título a cada Irmã, onde quer que ela trabalhe, seja em uma missão *Ad Gentes* ou em países de tradição católica. A Assembleia se expressou assim: "*Por toda a parte onde estivermos, qualquer que seja nosso serviço, cada uma de nós é missionária*" (Doc. Interassembleias, pág. 22). Dado que se trata de uma característica essencial da Companhia e da vocação das Filhas da Caridade, a formação inicial não pode deixar de levá-la em conta (Doc. Interassembleias, pág.23).

Em resumo, o Documento da Assembleia geral de 2015 ratifica a vocação missionária da Companhia, e a conecta à missão e à caridade (em fidelidade a São Vicente e à Igreja, hoje), abre a muitas possibilidades e aproveita do elã missionário incentivado pelo Papa Francisco.

Após este panorama geral sobre a vocação missionária da Companhia, convém agora, aprofundar os diversos aspectos sugeridos pela C.25 e pelo Documento da Assembleia geral de 2015.

“O ESPÍRITO MISSIONÁRIO” DAS FILHAS DA CARIDADE (C. 25b)

Em que consiste este espírito missionário expressado nas Constituições? Não se trata de um título que algumas Filhas da Caridade recebem pelo seu trabalho em uma missão *Ad Gentes*, mas o conjunto de disposições internas que tornam a Filha da Caridade aberta e disposta a prestar serviço lá onde há necessidade (cf C. 25b). O lugar por si mesmo não garante que tenhamos "espírito missionário" porque podemos viver sem esse espírito na mais distante missão *Ad Gentes*, e possuir um extraordinário talento missionário, por exemplo, vivendo em uma cidade como Paris. "*Por toda a parte onde estivermos, qualquer que seja nosso serviço, cada uma de nós é missionária*" (Doc. Interassembleias, pág. 22). Desta maneira,

deve-se dizer também que alguns serviços e lugares facilitam mais do que outros a abertura e a entrega da própria vocação.

Para saber com exatidão como uma Filha da Caridade vive “o espírito missionário”, é preciso perguntar-se com que força ela vive suas convicções vocacionais mais profundas, por exemplo, com que paixão ela vive seu chamado para seguir Jesus Cristo evangelizador e servo dos pobres; sua vocação universal, sua disposição para ir lá onde há necessidade dela e assim fazer a vontade de Deus? “*É preciso, minhas caríssimas Irmãs, que se penetrem do espírito de Nosso Senhor, de maneira que se veja que O amam e que procuram fazê-Lo amar. A que estiver cheia do espírito de Nosso Senhor produzirá muito fruto. Porém, se alguma for apenas Filha da Caridade no nome e no Hábito, essa não lhes dirá nada; ou, se lhes disser alguma coisa, será tão friamente que não lhes tocará a alma. E, porque não têm caridade no coração, fala apenas dos lábios. O que disser não tem força, porque é da língua e não do coração. Mas as que estão cheias de Deus falam com entusiasmo, porque trazem Deus no coração e o que sai dele é como um pequeno fogo que penetra no coração do doente. É um aroma que tudo perfuma com o seu bom odor*” (Conf. de 11 de novembro de 1657, pág. 677 e 678).

De acordo com a citação de São Vicente, o espírito missionário é algo dinâmico que incentiva a pessoa a ir além de suas possibilidades. Todas as Filhas da Caridade são impelidas a ter este espírito missionário ou “o Espírito de Nosso Senhor”, segundo as palavras de Vicente, que não está longe do zelo apostólico ou do “novo ardor” tão destacado no projeto da Nova Evangelização, publicado há alguns anos. Ardor e espírito missionário ou “fogo interior” germinam de uma profunda experiência de Jesus como Salvador universal. Desta identificação com Jesus Cristo, e o fato de assumir a missão como algo desejado por Deus, não é difícil ser criativo ou buscar expressões e novas maneiras de servir e evangelizar os pobres, quer seja em palavras ou através de um serviço caritativo e de promoção. Os profetas são sempre criativos, porém, sua criatividade não vem da aquisição dos conhecimentos, mas do fogo que arde em seu íntimo.

DISPONIBILIDADE, FLEXIBILIDADE E MOBILIDADE (C. 25a)

As Constituições 25a e 25d apresentam algumas condições para fortalecer a vocação missionária. Vicente de Paulo falava muitas vezes às Irmãs sobre a disponibilidade, de tal maneira, que algumas pensavam que ele a considerava como a quarta virtude, que deveria ser acrescentada às virtudes da humildade, simplicidade e caridade. Se em uma Província não se vive a disponibilidade, será impossível para a Companhia realizar a sua missão na Igreja. Neste sentido, as Irmãs realizam seu projeto pessoal, porém, não o da Província e nem o da Companhia. Hoje, este é um dos perigos que afetam todas as instituições, como o Documento “*O serviço da autoridade e da obediência*” expressa no seu número 3. Devido ao individualismo, o projeto pessoal passa sempre antes do projeto da Companhia, da Província e da Comunidade. O individualismo impede a disponibilidade. Assim sendo, existe pouca participação comunitária, isto favorece o individualismo comunitário que, por sua vez, favorece a aparição de projetos pessoais ao invés da missão comum.

Quando Vicente fala sobre a virtude da disponibilidade ele emprega com frequência o advérbio “em todo lugar” e o verbo “ir”. Notemos a semelhança entre este verbo “ir” e o verbo “sair”, utilizado pelo Papa Francisco no documento *Evangelii Gaudium*, referindo-se à vocação missionária. Vicente define as Filhas da Caridade como “moças que vão e vêm” (Coste VIII, pág. 237). Sabemos que graças à disponibilidade e à mobilidade nos primeiros anos da Companhia, o pequeno número de Irmãs foi capaz de responder a muitas pobreza com grande rapidez.

Comentando as palavras de Jesus Cristo, “*onde está o teu tesouro, aí está o teu coração*”, Vicente considera idolatria e adultério quando uma Filha da Caridade deixa seu coração apegar-se a lugares, pessoas ou coisas. As Irmãs se entregam a Deus para cuidar de “*todos os pobres*”, “*em toda parte*”, “*lá onde se*

precisa delas". A indiferença vicentina é uma virtude que facilita a disponibilidade e a mobilidade, porque ajuda a permanecermos abertos à vontade de Deus, evitando prender-nos a qualquer projeto pessoal. "Deveis ser indiferentes... - diz São Vicente - para fazer tudo o que o vosso fim requer... "É assim que deveis proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir para onde Deus quiser; se for para África, para África, para o exército, para as Índias, para onde vos pedirem, sois Filhas da Caridade, deveis ir para ali" (SV, conf. de 18 de outubro de 1655, pág. 547). Consequentemente, a insistência de Vicente sobre a disponibilidade se deve ao fato de que de que isto compromete a finalidade da Companhia ou a própria vocação da Filha da Caridade. Sem disponibilidade e mobilidade, a missão fica muito limitada. "Não tenhais medo de ir para onde vos enviarem " (Coste, X, pág. 510).

Em conexão com essas virtudes vicentinas, o Papa Francisco apresenta duas dificuldades que impedem a vocação de viver plenamente a vocação missionária:

a) O conforto: "lento suicídio" (EG 272).

"Para quê privar-me das minhas comodidades e prazeres, se não vejo algum resultado importante?". Com esta mentalidade, torna-se impossível ser missionário. Esta atitude é precisamente uma desculpa maligna para continuar fechado na própria comodidade, na preguiça, na tristeza insatisfeita, no vazio egoísta. Trata-se de uma atitude autodestrutiva..." (EG 275). O Papa Francisco aponta uma situação que é real na vida consagrada: o cuidado excessivo de si mesmo cria um tipo de comunidade apática e um pouco insensível aos projetos de serviço e evangelização. A Comunidade, nesta situação, torna-se uma casa onde cada uma se atém ao seu trabalho (sem saber se é profético ou não) e onde se procura preservar com zelo o tempo pessoal, onde se está mais interessado em sua própria sobrevivência do que na audácia e na criatividade.

Comparemos este texto do Papa Francisco com as palavras de São Vicente: "Mas quem, então, nos poderá desviar desses bens começados? São espíritos libertinos, libertinos, libertinos, que só buscam folga e, tendo o que comer, não se afligem com outra coisa. Quem ainda? Serão... é melhor que não diga. Serão pessoas comodistas (dizia isto pondo as mãos debaixo das axilas, arremedando os preguiçosos), pessoas que só têm uma pequena periferia, que limitam seu horizonte e objetivos a uma certa circunferência, onde se encerram como em um ponto; não querem sair dali; e se lhes mostram alguma coisa mais para além, eles se aproximam para observá-la e voltam logo ao seu centro, como o caramujo para sua concha. Note-se que, dizendo isso, fazia certos gestos com a mão e alguns movimentos de cabeça, e com uma certa inflexão de voz desdenhosa, de modo a revelar com isto o que queria dizer, melhor do que com as próprias palavras. E recolhendo-se, disse a si mesmo: Ó miserável, és um velho semelhante a essas pessoas. Parecem-te grandes as pequenas coisas e te oprimem as dificuldades. Sim, meus Senhores, até o levantar da manhã, tudo se me afigura grande trabalho, e me parecem insuperáveis as menores coisas enfadonhas. São, portanto, espíritos tacanhos gente como eu, que desejam abolir práticas e ocupações da Companhia. Demo-nos a Deus, meus Senhores, para que nos conceda a graça de ficarmos firmes" (SV, vol. XII, pág. 94-95).

b) Acédia é como "um descontentamento crônico, por uma acédia que lhe mirra a alma" (EG 277). É uma atitude "egoísta" e "paralisante" de qualquer tentativa de "fidelidade criativa" (EG 81). A acédia torna os evangelizadores "pessimistas, descontentes e decepcionados" (EG 85), ela causa nos consagrados, atonia, perda de motivação, um sentimento de vazio, falta de esperança. Este é o "elixir do demônio", conclui o Papa Francisco (EG 83).

De que maneira a acédia se manifesta nos vicentinos e nas Filhas da Caridade? Quando se perde a paixão pela evangelização e se renuncia o encontro com Deus no próprio serviço, então facilmente, o que se faz é "profissionalizar" o serviço, e com ele, a vocação. Assim como os vicentinos, as Filhas da Caridade trabalham muito, têm grandes atividades, agendas cheias de compromissos, com o celular sempre ligado, e

com uma grande rede de contatos... porém, o seu interior já não vibra mais por Jesus Cristo, mesmo se ela não o rejeita diretamente. A vida espiritual está seca, embora realize todas as práticas próprias à vocação, não têm mais consciência de fazer a vontade de Deus. Não procuram mais ser profetisas em seu trabalho, a estimular as pessoas ao questionamento, a dizer-lhes que somente Deus pode dar sentido à existência de cada pessoa. Elas trabalham certamente no plano profissional, mas como disse o Papa Francisco, isto se reduz a um “*triste pragmatismo*” (EG 83).

INCULTURAÇÃO (C. 25c) E “ADAPTAÇÃO ÀS NOVAS CONDIÇÕES DOS TEMPOS” (*Perfectae Caritatis*, 2)

A Companhia não poderá realizar bem a sua vocação missionária se não for capaz de se situar corretamente no mundo onde vive. O que implica o chamado urgente do decreto *Perfectae Caritatis* 2: “*adaptar-se às novas condições dos tempos*”?

Primeiramente, isto implica, sentir-se adaptado ao mundo no qual vivemos e trabalhamos, apesar de todos os problemas de desigualdade e violência. Este mundo tem também valores que devem ser destacados, como o Papa João Paulo II o fez na *Redemptoris Missio*, 86: pacifismo, feminismo, ecologia, interesse pelo terceiro e quarto mundo... O nosso mundo possui capacidades técnicas quase ilimitadas e muita criatividade. Devemos sentir-nos bem à vontade neste mundo, pois assim, compreenderemos que fazemos parte dele e que não lhe somos estranhos. A secularidade permite às Filhas da Caridade sentirem-se bem adaptadas e parte ativa do mundo, não para se tornarem como as pessoas, mas para transformar o mundo como “*fermento na massa*”. Somente nos sentindo confortáveis e adaptados a este mundo é que conseguiremos caminhar com os pobres hoje, partilhando com eles suas alegrias e esperanças, alegrias e tristezas (cf. *Gaudium et Spes* 1). Nosso projeto de santidade não deve distanciar-nos das pessoas, pelo contrário, deve fazer-nos crescer em humanidade, aspirar à santidade sem deixar de ser humano.

Adaptar-se às novas condições do nosso tempo pode significar também assumir o pluralismo crescente da sociedade e da Igreja e assim sentir-se confortável. Em 2004, durante o Congresso sobre a Vida Consagrada “*Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*” que aconteceu em Roma, foi dito: “*somos testemunhas de um pluralismo crescente que é um processo irreversível*”. O pluralismo não é uma ameaça à nossa identidade, pelo contrário, é uma riqueza e uma ocasião para promover “*uma espiritualidade de comunhão*” (*Vita Consecrata*, 51). A Assembleia Geral de 2015 convidou toda a Companhia a “*valorizar as nossas diferenças como riquezas*” (Documento Interassembleias, pág.20). Não podemos mais olhar com desconfiança a diversidade impressionante que existe hoje em toda a sociedade, sobretudo na sociedade americana e europeia. Os fenômenos migratórios e a diversificada realidade da modernidade nos convidam a aprender a viver juntos, a escutar, a partilhar e a aceitar-nos em nossas diferenças. Talvez, necessitemos de uma nova atitude de humildade, respeito, abertura à verdade, sem dúvida partilhada e que ninguém poderia capitalizar. A verdade está em todos e todos a possuem de uma maneira ou de outra. Ninguém possui a verdade de maneira absoluta, apenas uma parcela dela. Hoje, o diálogo como instrumento para comunicar nossa verdade e receber a verdade dos outros é cada vez mais importante.

Em âmbito institucional, adaptar-se às novas condições do nosso tempo exige um esforço para não cair na tentação de conservar tudo o que existe como um valor absoluto. Deve-se conservar os prédios, as estruturas que são necessárias e não aqueles que não são mais. Este é um dos critérios que orienta a revisão de obras realizada atualmente em quase todas as Províncias como pede o Documento da Assembleia geral de 2009 e 2015 (cf. Documento Interassembleias, pág. 12-13). Somente as tradições e os costumes que favorecem a vocação e a identidade devem ser conservados.

Toda decisão deste tipo exige um sério discernimento, em seguida, vem o tempo das decisões. O documento “*Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*” convidou a vida consagrada a “*criar estruturas*

mais flexíveis e mais simples” (cf. 83, 112), para conservar o significativo caráter profético da vida consagrada.

AS MISSÕES "AD GENTES", UMA MANEIRA CONCRETA DE REALIZAR A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA DA COMPANHIA (C. 25 d)

As missões chamadas *Ad Gentes* geralmente coincidem com os países mais pobres. Embora as missões *Ad Gentes* não sejam apenas em lugares onde a Companhia vive a sua vocação missionária, são comunidades e serviços excelentes para viver plenamente o carisma vicentino. Não nos cabe questionar se os destinatários são realmente pobres, como pode acontecer em um país do primeiro mundo, onde as Filhas da Caridade realizam múltiplos serviços. Também não me parece difícil realizar o “serviço espiritual” ao mesmo tempo que o serviço corporal. Em países desfavorecidos, as pessoas em geral estão mais abertas à Palavra de Deus do que em sociedades materialistas que rejeitam Deus.

Outros valores da Companhia, tais como, a internacionalidade ou a interculturalidade (cf. Documento Interassembleias 2015, pág. 20) são mais desenvolvidos nas missões *Ad Gentes*, pois, cada vez mais as Comunidades são formadas por Irmãs vindas de países e culturas diferentes e que devem trabalhar em contextos bem diferentes aos seus. A diversidade de sensibilidades pode tornar a vida comunitária mais complexa, porém, ao mesmo tempo, enriquecê-la. Em todo caso, a diversidade cultural é um chamado para consolidar o fundamento de toda a vida Comunitária, na pessoa de Jesus Cristo. É ao redor de Cristo que as Filhas da Caridade devem encontrar-se. A missão *Ad Gentes* se assemelha também a um trampolim para nos impregnar das atitudes vicentinas, tais como, a sensibilidade para com o mundo dos pobres e dos não cristãos, a necessidade de se organizar para ser o mais eficaz possível, incluindo a disponibilidade e a mobilidade. Todos estes valores podem ser encontrados nas missões *Ad Gentes*.

Sabemos que a Companhia tem diferentes formas de organizar as missões *Ad Gentes*. O que está claro é o enorme benefício das missões *Ad Gentes* em toda a Companhia, porque estas missões permitem por si mesmas, a prática dos valores vicentinos. As missões *Ad Gentes*, tão queridas por Vicente e bem enraizadas na Companhia, indicam sem ambiguidade, a direção para a qual a vocação vicentina deve orientar-se. No entanto, é necessário repetir que qualquer serviço realizado por uma Filha da Caridade é missionário, independentemente do país onde ela se encontra, e que “*por toda a parte onde estivermos, qualquer que seja nosso serviço, cada uma de nós é missionária*” (cf. Documento Interassembleias, pág. 22).

A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA DA COMPANHIA: CONSEQUÊNCIAS PARA A FORMAÇÃO

Quais são os aspectos da formação que devem ser revistos sob a luz de tudo o que acabamos de refletir? Destaco aqui três pontos:

1. A vocação missionária da Companhia nos faz pensar na vida ativa das Filhas da Caridade. São Vicente a via como um “*ir e vir*”. Tudo na Companhia está orientado para o trabalho, o serviço, a evangelização e os pobres. No entanto, esta orientação para a vida ativa não deve diminuir a importância da mística. Se não conservarmos firmemente a vida de fé, o edifício da vocação poderá desmoronar. Nietzsche disse: “*Aquele que tem um porquê para viver, pode suportar quase qualquer como*”. A vida nos mostrou tantas vezes que quando uma Filha da Caridade não cultiva sua vida espiritual, rapidamente, perguntar-se-á se o que ela faz tem sentido. Portanto, na formação inicial é importante desenvolver a cultura da vida de fé através do aprendizado de uma oração profunda, e de partilhas espirituais que enriqueçam e fortaleçam a vida de fé da Comunidade.

No entanto, para uma Filha da Caridade, a experiência de Deus não pode ser vivida apenas no silêncio de uma capela. Este estilo exige também saber “*deixar Deus por Deus*”, em outras palavras,

encontrar Deus nos pobres. É preciso formar para esta experiência concreta de Deus, ainda que seja mais difícil, visto que nela está o coração da espiritualidade vicentina. Outros meios também permitem assimilar a espiritualidade da Encarnação, tais como: rezar as experiências do serviço aos pobres, refletir sobre as situações de pobreza à luz do Evangelho.

2. A vocação missionária coloca a Filha da Caridade em contato permanente com o mundo. O colorido de sua vida e de seu trabalho são as “ruas da cidade”. Na cidade, percebe-se a vida em suas múltiplas manifestações.

Como toda realidade humana, o mundo e a nossa cultura globalizada são ambíguos, o que significa que podemos encontrar valores, mas também contravalores articulados. Os valores de liberdade, diálogo, respeito, a aceitação do diferente, da singularidade de cada pessoa, estão em destaque na nossa cultura e podem realmente enriquecer a nossa vocação. No entanto, existem contravalores como a superficialidade, os projetos de vida a curto prazo, o materialismo ambiental, a tendência individualista que destrói todo sentido comunitário.

É importante formar as jovens que entram na Companhia para que sejam, por si mesmas, capazes de discernir, desfrutar e assumir todos os valores que se harmonizam perfeitamente com o Evangelho e com o carisma e, ao mesmo tempo, permanecer vigilantes diante dos contravalores que diluem e enfraquecem a nossa identidade na Igreja.

Como formar as novas Filhas da Caridade provenientes da cultura atual? A natureza nos oferece dois exemplos significativos que mostram uma maneira diferente de formar: o primeiro refere-se aos moluscos (caracóis, tartarugas...), eles não desenvolveram um esqueleto interno para enfrentar a vida, precisam de um escudo, um casco capaz de proteger a fragilidade do seu corpo. Contrariamente a estes, os vertebrados podem viver com mais flexibilidade e autonomia, graças à sua estrutura óssea que sustenta e dá consistência a cada parte do seu corpo.

No primeiro caso, formar supõe desconfiar excessivamente da cultura atual, ao ponto de não enxergar tudo o que pode enriquecer a nossa vocação vicentina. Ao invés de discernir, rejeita-se tudo o que a nossa cultura oferece. A formação na “defensiva” ou, o que seria ainda pior, uma formação “carregada de negatividade” em relação ao mundo de hoje, teria consequências negativas na realização do serviço dos pobres e impediriam um autêntico diálogo com a cultura atual. Uma formação na “defensiva e cheia de negatividade” tornaria as Filhas da Caridade estranhas ao mundo e dificultaria a realização de sua vocação missionária.

No segundo caso, trata-se de formar para consolidar na pessoa um esqueleto de convicções profundas que lhe permitam entrar em contato com a realidade de uma maneira adulta, discernir o que ajuda e enriquece a própria vocação e o que lhe pode ser prejudicial. Este estilo de formação, ao mesmo tempo aberta à cultura atual e capaz de crítica, somente será possível se a atenção estiver voltada à pessoa, chamando-a à sua responsabilidade. “*A pessoa é agente da sua própria formação*”, (cf. Guia para a formação inicial, pág. 23).

3. A vocação missionária da Companhia requer disponibilidade e mobilidade das Irmãs. São Vicente insistia constantemente nessas duas virtudes para atingir a finalidade da Companhia: ir aonde os pobres estão. Sem a disponibilidade, os projetos pessoais acabam prevalecendo sobre os projetos comunitários, provinciais e gerais, e o resultado disto será a destruição total da Companhia. São Vicente estava muito consciente disto.

Por isso um dos objetivos da formação inicial deve ser a disponibilidade: atitude permanente e exigência básica da vocação missionária. Porém, será sempre difícil harmonizar a obediência do “*ser totalmente disponível*” com a cultura atual, muito sensível aos direitos humanos, à liberdade, ao respeito pela pessoa e por seu projeto de vida. É possível que na integração de tudo isso surjam situações conflituosas entre as Irmãs jovens, situações que poderão ser resolvidas num contexto de diálogo entre ambas as partes.

A disponibilidade não tem limites e a formação das novas vocações não deve permanecer limitada a lugares e fronteiras provinciais. O Documento da Assembleia geral de 2015 convida a “*quebrar as barreiras externas e internas que impedem a disponibilidade e a nossa generosidade*” (pág. 13), a fim de “*ir às periferias e lugares difíceis*” (pág. 17). Uma boa formação deve insistir no fato de que a vocação da Filha da Caridade está relacionada à Companhia, embora este vínculo se concretize, pela pertença a uma Comunidade e a uma Província. Assim acontece quando uma pessoa é batizada, embora, esteja integrada a uma Diocese, uma Paróquia ou uma Comunidade cristã, ela está vinculada à Igreja universal. O fato de pertencer a uma Província jamais deve ser um obstáculo para viver a disponibilidade em âmbito internacional.

“*É assim que deves proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir para onde Deus quiser; se for para África, para África, para o exército, para as Índias, para onde vos pedirem, sois Filhas da Caridade, deves ir para ali*” (SV, Conf. de 18 de outubro de 1655, pág. 547).

Padre Javier ÁLVAREZ, CM
Vigário geral

Nota

¹ Documento Interassembleias 2015-2021

IRMÃ ROSANNA PITARRESI, FILHA DA CARIDADE

As Constituições nos tornam livres para amar

Este tema: “*As Constituições nos tornam livres para amar*” é muito interessante e concreto, não somente para as Irmãs em formação, mas para todas, inclusive eu mesma. Ao mesmo tempo, este assunto contém um horizonte muito abrangente. Minha reflexão não é histórica, nem jurídica, mas pedagógica, humana-espiritual. Vou tentar destacar alguns pontos que iluminam o caminho para ser 'livre para amar' com algumas modalidades que convergem ao objetivo.

Para começar, proponho assistir a um filme de curta-metragem chamado “The lunch date” (A data do almoço) que pode ser encontrado na Internet no seguinte endereço:

<https://www.youtube.com/watch?v=eputZigxUY8>

Resumidamente este filme fala de uma mulher branca que chega à estação de trem com duas grandes sacolas na mão. Após ter visto o número da plataforma do seu trem, ela se dirige até a plataforma, olhando para a direita e não percebe o homem negro que chega pela sua esquerda. Esbarrando um no outro, os dois sacos caem de suas mãos e os seus pertences se espalham no chão. Depois de recolher tudo, ela se dirige apressadamente até a plataforma, mas é muito tarde! O trem acabou de partir. Desamparada, ela procura saber a hora do próximo trem. Visto que terá ainda muito tempo para esperar, ela resolve entrar em uma lanchonete da estação para fazer uma refeição. Senta-se à mesa com o seu almoço. Tendo esquecido de

pegar os talheres, levanta-se e vai buscá-los. Quando ela volta para a mesa, vê um homem negro comendo a sua refeição. Primeiramente, consternada, depois com raiva, pega o garfo e começa a comer do mesmo prato que o homem negro. O homem olha para a mulher mas não diz nada, eles não se conhecem, porém, ambos comem do mesmo prato, alternando as garfadas. No final da refeição, o estranho homem se levanta e volta com dois cafés: um para ele e outro para a mulher. Após ter bebido seu café, o homem vai embora; em seguida, a mulher se levanta e também parte. Então neste momento ela percebe que a sua refeição estava na mesa vizinha, intacta. Compreendendo o mal-entendido, ela parte sorrindo”.

Nesta história, a mulher não parece ter conseguido se abrir ao outro e acolhê-lo de maneira positiva. Ela ficou completamente perturbada com a perda do trem e isto provocou-lhe “atrasos no amor”. Talvez, algumas de nós tenham se identificado com esta história de uma maneira ou de outra.

Como as Constituições são úteis para nos ajudar a amar?

As Constituições são um **dom dado pelo Espírito Santo** à Companhia!

Elas são:

- O sinal da **fidelidade de Deus** que nos consagrou para uma missão, importante e atual. Elas são a expressão da fidelidade a Deus através do nosso compromisso em vivê-las.
- Uma mediação do **Evangelho** que é a norma fundamental para a vida consagrada¹.
- Uma síntese do nosso **carisma**. No itinerário das Constituições, gerações inteiras de Filhas da Caridade do mundo inteiro realizaram um concreto caminho de santidade. As Constituições “nos dão asas”² para voar sem medo e viver na plenitude do dom, a paixão carismática de nossos Fundadores. O carisma é o caminho evangélico privilegiado para dar vida e cor às extraordinárias intuições de Vicente e Luísa, e continuar a torná-las realizáveis hoje.

As Constituições reforçam nossa **pertença a Deus e à Companhia**; elas são para nós e para as Irmãs que virão depois de nós, um código de vida que conserva a inspiração das origens dos Fundadores e, ao mesmo tempo, a desenvolve com fidelidade na história - o caminho que Deus nos dá para viver nosso serviço aos irmãos.

As Constituições são o “**texto baseado na experiência**” que nos ajuda a saborear o carisma e a viver com um coração renovado nossa vocação, redescobrimo nela a beleza e a atualidade, e assim, retornar ao primeiro amor³. “*As Constituições são fruto da experiência. Não são documentos abstratos, elaborando uma teoria sobre a maneira de bem viver juntas. Elas nos traçam um caminho de santidade que muitas já empreenderam*”⁴.

Portanto, este belo livro de bolso, azul, é um tesouro de conteúdo precioso que, evidentemente, não pode ser aprendido de cor, nem estudado de uma vez, nem tampouco se trata de um livro de receitas com soluções para situações complicadas. Este livro é, antes de tudo, um dom a acolher cada dia, com um novo amor, porque as Constituições são para nós hoje, uma tradução concreta dos fundamentos evangélicos, lidos à luz da experiência carismática, espiritual e apostólica dos Fundadores.

Como vencer nossas resistências ao amor ?

Pensemos no filme de curta-metragem e consideremos as diferentes resistências ao amor que marcaram a experiência daquela senhora. Busquemos em seguida, nas Constituições, os instrumentos para vencer estas resistências.

A PERCEPÇÃO DE SUA CORPOREIDADE

No filme de curta-metragem a mulher perde seu trem, esquece as sacolas, esquece de pegar os talheres. Parece agir distraidamente, com o pensamento distante, não parece ter consciência, nem a percepção de sua própria corporeidade.

As Filhas da Caridade “contemplam o Cristo no aniquilamento de sua Encarnação (C.17b).

As Filhas da Caridade contemplam o mistério da Encarnação principalmente no mistério do “aniquilamento de Cristo”. O Concílio Vaticano II nos ajuda a compreender melhor que, para crescer devemos olhar para o nosso corpo como um bem e não como um obstáculo por causa das paixões, emoções, desejos e sexualidade. “*Deste-me um corpo*”, diz o Salmo 40. Nosso corpo é o instrumento indispensável para entrar em relação com o mundo. Não devemos maltratá-lo, pelo contrário, devemos zelar por sua autonomia que vai além da razão, pois, se não o escutarmos, ele poderá reagir.

Somos chamadas a ser plenamente “mulher” para ser totalmente de Deus, para entrar em diálogo com o próprio corpo, conhecê-lo, educá-lo, acompanhá-lo, permitir que se expresse segundo as vias apropriadas - a raiva, os medos, as angústias e, sobretudo, o entusiasmo, a alegria, toda a capacidade de amar, de fazer projetos, de desejar.

No que se refere à mulher do filme de curta-metragem, ela não tinha consciência daquilo que ela era. Muito fechada em si mesma, ela não está em relação com sua própria humanidade.

Vivemos com alegria, mas no seguimento de um Cristo crucificado que deu a sua vida por nós: “*Quanto a mim, que eu me glorie somente da cruz do Nosso Senhor, Jesus Cristo*”, diz São Paulo (Gálatas 6,14). As Filhas da Caridade contemplam o *aniquilamento da Encarnação* como nos explicou o Padre Patrick em sua conferência. Por isso, não deveríamos ficar surpresas pela existência do sofrimento em nossa própria vida e na dos nossos irmãos, porém, não devemos permitir que o sofrimento retire a nossa alegria, pois, nós a oferecemos ao Cristo crucificado para que se torne fecunda em seu amor.

As Filhas da Caridade “buscam ser dóceis às inspirações do Espírito (C. 17c).

Quando acontece algo que nos desorganiza, a pergunta que devemos fazer não é, “*Senhor, por que isto aconteceu comigo? A pergunta a ser feita é: “diante deste fato, como posso agir? Como posso, Senhor, orientar para vós, tudo o que me acontece? Como fazer para que o sofrimento pelo qual estou passando se transforme em acontecimento revelador do vosso amor para mim, em uma experiência que produza fé, esperança, comunhão com os irmãos e não, uma rigidez de coração ou uma separação?”* Isto nos permite ser **dóceis às inspirações do Espírito.**

AS MILAGROSAS “LENTE DE CONTATO” DA PALAVRA E DO PÃO DE VIDA

A mulher do filme enxerga apenas sua própria refeição. Ela está cega pelo preconceito e não consegue ver o outro que está diante dela. Ela não consegue enxergar além de si mesma. As Constituições oferecem milagrosas “lentes de contato” que nos ensinam a olhar para o outro, para aquele que eu encontro, aquele que está próximo de mim.

Nas Constituições, lemos:

- As Filhas da Caridade se reúnem em torno da **Eucaristia...** centro de sua vida (C.19b).
- No louvor a Deus, na escuta de sua **Palavra**, (...) elas não agem somente em seu nome, mas trazem as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de toda a humanidade (C. 19c).
- A **Liturgia das Horas...** suscita igualmente a reunião da Comunidade local para a oração.
- A oração em comum é parte integrante da vida e do testemunho evangélico, significando a fé no Cristo vivo... (C.19d)

- O Sacramento da **Reconciliação** é encontro de amor com o Senhor que perdoa (C. 20).
- Um dos tempos fortes do seu dia é a **oração**: escuta do Senhor, louvor, ação de graças, contemplação, buscando sua vontade, apresentação da vida e necessidades dos pobres (C. 21 b).

São Vicente dizia às Filhas da Caridade “*Não deixemos passar tempo algum sem estarmos em oração*” (SV, conf. de 31 de maio de 1648, pág. 277).

O Documento Interassembleias nos convida a: “*recorrer incessantemente ao Evangelho*” (pág.6), a “*contemplar, juntas, o Cristo no Evangelho*” (pág. 10)

Educar ao conhecimento espiritual das Escrituras é uma tarefa que a Comunidade deve assumir com determinação para entrar mais na relação pessoal com Jesus e com o Pai. Como nos dizem as Constituições, a relação pessoal com o Senhor se expressa na oração pessoal e na liturgia. O Mestre desta relação de amor é o próprio Deus, Ele nos educa e nos diz como permaneceremos fiéis.

Os tempos fortes do nosso dia são quando nos reunimos para rezar. É extraordinário começarmos o dia rezando a oração dos salmos! Luciano Manicardi disse: “*Cada Salmo exige escuta, interiorização, capacidade de interpretação, isto é, unir a Palavra de Deus à vida. Os Salmos são a vida situada diante de Deus e rezá-los com frequência leva o cristão a viver diante de Deus, a fazer de cada situação existencial uma ocasião cotidiana de obediência à vontade de Deus, de discernimento e de conversão*”⁵.

No Evangelho, encontramos Jesus que nos abre a uma infinidade de “significados” para a vida! No entanto, não nos enganemos: o relacionamento com o Senhor, através da liturgia, é muito belo, mas exige esforço, *repetição, abandono*. O relacionamento com aqueles que vemos já é cansativo, logo, o relacionamento com a pessoa que não vemos, se quisermos que seja verdadeira, só pode ser exigente e penoso. Aqui se inicia um trabalho educativo que pode ajudar-nos a evitar cair em certas armadilhas, querendo enganar-nos dizendo: “*desejo uma liturgia menos repetitiva, bela, original, leve, nova*”. Através dos nossos cantos comunitários, temos em quase todos os lugares, Irmãs que desafinam, que estão distraídas, cansadas e que não escutam direito, com um ritmo próprio e difícil de ser ajustado. Talvez ao invés de tentar corrigi-las sem sucesso e passar dias, meses e anos com raiva porque as outras não rezam bem, seria melhor fazer um trabalho comigo mesma, a fim de encontrar um espaço interior para acolher essa diversidade que não posso gerenciar e assim, manter a minha serenidade diante do Senhor! A relação com o Senhor exige a formação de uma interioridade sólida e comprovada, uma capacidade de escuta refinada. É preciso paciência, perseverança, resistência e luta contra as tentações. Luciano Manicardi diz ainda, “*é a qualidade humana das pessoas, sua capacidade de relações humanas que precisa ser educada, caso contrário, falar de relacionamento com Deus e com Cristo é pura ilusão, ou pior, hipocrisia e mentira. Rezar é cansativo, mas antes de rezar, devemos aprender a pensar, a criar um espaço interior para ativar a capacidade de diálogo interior, fazer a unidade entre os acontecimentos da vida e as ressonâncias interiores a fim de educar e corrigir a nossa intimidade*”.

Qual é o caminho que permite entrar nesta liberdade e nela crescer? A liberdade não é um caminho sem objetivo ou referência: a liberdade evangélica exige seguir Alguém que conheça o caminho, logo exige uma pertença. Assim, aprendemos a ser livres somente se obedecemos à Palavra viva de Deus.

O que acontece se não cuidarmos desse tesouro? Sabemos muito bem o que aconteceu com Adão e Eva quando eles desobedeceram. Foi a separação! Se mesmo que imperceptivelmente começarmos a negligenciar a oração, a meditação e a assiduidade com Deus, de maneira gradual e lenta, se não há crescimento espiritual, então nossa “consistência” vocacional tornar-se-á precária, vazia de conteúdo e, pouco a pouco, insignificante e até mesmo insuportável. O caminho para lhe devolver o total sentido, para voltar às origens, ao primeiro amor, torna-se longo, duro e doloroso... A relação com Deus, a vida espiritual,

alimenta-se e depende do que se pensa, sente-se e vive-se diariamente. Esta relação irriga a terra da minha liberdade e me torna capaz de mudar o olhar que tenho sobre mim mesma, para ver o outro, algo que a mulher do filme não soube fazer. Não há nada mais “prático” na vida espiritual. Nossa história de amor com o Senhor é um pacto de aliança mútua: nem sempre conseguimos fazê-lo, mas Deus guarda fielmente esta aliança.

UMA FRATERNIDADE SABOROSA

No filme de curta-metragem, tanto a mulher quanto ao homem que está diante dela à mesa, não trocam uma palavra entre si, não expressam de forma alguma a curiosidade de querer se conhecer. Tudo está centrado no interesse de defender “a minha salada”.

A Comunidade local deseja ser a imagem da Trindade (C. 32). Essa comunidade se **constroi** dia a dia **pelo** dom de si e o compromisso de cada uma. A Comunidade é o **primeiro lugar de pertença** das Filhas da Caridade. A vida comunitária suscita entre elas uma partilha que se estende desde as condições materiais da existência aos compromissos espirituais e apostólicos (C.34).

A fraternidade é o caminho privilegiado que realmente tem todas as possibilidades de nos tornar livres.

Uma situação diária que nos oferece a possibilidade de partilhar é o fato de fazer as refeições juntas. Negando toda lógica do self-service e toda lógica animal de se alimentar, **fazer a refeição juntas** é um gesto litúrgico. Enzo Bianchi, fundador da Comunidade Monástica de Bose na Itália, fala das refeições como um ato litúrgico. Os dias de festa, normalmente, são celebrados com uma boa refeição! O reino dos céus é como um banquete de carnes gordas e suculentas (Isaías 25,6). Na mesa Jesus comunicava coisas muito importantes. É importante “*estar atento à oração no início e no final de cada refeição, juntos, recebemos o alimento, juntos, degustamos os sabores, juntos, utilizamos nossos sentidos através deste ato essencial à vida, mas que no entanto, é muito mais do um simples ato de se alimentar. Trata-se de compartilhar a vida em um ato que envolve todos os sentidos e de entrar em contato com os outros*”⁶. Assim, podemos falar de uma “fraternidade saborosa”, ou seja, uma fraternidade, que tem um sabor, um gosto, um caráter, um tom!

Os momentos de lazer em comum, numa atmosfera de alegria, de relações simples e amigas, fazem parte da vida fraterna. São necessários ao equilíbrio de cada Irmã e da comunidade (Estatuto 19).

Um momento precioso de partilha é o momento de lazer em comum. Durante um encontro de Irmãs Jovens, a Irmã responsável pela animação nos apresentou uma carta da nossa Superiora geral, da qual vou citar uma passagem: “*Queridas Irmãs da Itália, dirijo-lhes a minha saudação. Seu encontro é muito importante. Vocês estão refletindo sobre temas fundamentais da nossa vida de Filhas da Caridade. Tive a oportunidade de ler o programa deste encontro. Ele fala sobre paixão, graça e e responsabilidade. No entanto, a parte mais importante do encontro é, sem dúvida a recreação. Não podemos viver plenamente a nossa doação a Deus, nem realizar um verdadeiro serviço dos pobres ou viver uma bonita vida fraterna sem o bom humor, sem o gosto da brincadeira e da piada, sem o humor que torna leve o nosso cansaço e faz surgir o sorriso em nossos rostos. Então, como está escrito no Documento Interassembleias nº 418: “riem, brinquem, dançam juntas e cantem com alegria”!* Ah! Desculpem-me, talvez no documento não se encontrem estas palavras, nem o nº 418 escrito desta maneira. Mas, como em cada carta que escrevo devo citar o Documento Interassembleias, então eu enfeitei e inventei este 418...”.

“No **diálogo**, comunicam-se as experiências, atenuam-se as diferenças e preparam-se as decisões” (C.34). “**OUSEMOS** de verdade dedicar tempo para nos escutarmos e juntas conversarmos” (Documento Interassembleias, pág. 11).

Se a nossa última Assembleia Geral considerou importante incluir esta passagem no Documento Final, talvez seja pelo fato de que nossa maneira de falar expressa mais o cansaço do que a alegria, mais a informação do que a partilha. A Comunidade é uma realidade humana, portanto precária, frágil, com contradições. Nela podem existir crises, personalidades difíceis, às vezes incompatíveis, simpáticas e antipáticas, laços significativos ou insípidos. Trata-se também de uma Comunidade de fé onde se pode viver relações teológicas! Antes de querer transmitir às Irmãs Jovens os valores da comunicação, devemos nos perguntar se sabemos escutar umas as outras, se sabemos escutar as pessoas que são persistentes com determinados assuntos. Será que estamos atentas e acolhemos o que elas dizem, sem preconceitos e interpretações? Será que sabemos expressar-nos simplesmente através de palavras que vêm de um coração enraizado em Cristo, capaz de gerar vida naqueles que escutam?

A falta de comunicação, o fechamento, a não confrontação, o fato de negar a palavra ao outro, tudo isto não cura, pelo contrário, semeia divisões irreparáveis! Evidentemente que ainda não estamos na Jerusalém celeste e, não devemos ficar surpresas quando, as vezes acontecem conversas acaloradas, com palavras pesadas ou reações agressivas ou rígidas. Se a situação permanecer em um silêncio estéril e não na misericórdia e no perdão, devemos ficar inquietas, pois, somente o diálogo tem o poder de restituir a vida nas relações mortas!

Permitam-me destacar um aspecto que, talvez, se refira apenas a alguns países, mas que me parece importante. Em Comunidade, compartilhamos a mesma casa, o mesmo ambiente físico. Na maioria das nossas casas, cada uma tem o seu quarto. Considero isso algo positivo, uma ajuda para nossa privacidade e repouso diante das inúmeras ocupações. No entanto, é claro, que cada uma é responsável pela maneira de como usar o seu tempo em seu quarto, (pouco ou muito se o quarto for também um local de estudo ou organização do serviço).

O equilíbrio entre a vida fraterna, o serviço e o repouso é difícil, pois é fruto de uma grande maturidade pessoal. Mesmo quando se vive o tempo todo em um quarto, deve existir uma comunhão de vida e de serviço com os outros, não fisicamente, mas através do coração. No quarto ou no escritório, graças a um sistema de conexão mundial no qual vivemos, contactamos com o mundo sem sair do lugar, sem mesmo nos levantar, simplesmente estando em frente a um monitor. O computador, tablet, Facebook, celular, etc. são ferramentas muito úteis se nos ajudarem a construir nossas bases de Filhas da Caridade, Servas dos Pobres. Quantas vezes, durante o momento comunitário à noite, podemos ser tentadas a responder imediatamente a um sms? Este pode ser um sinal de que estamos mais próximas (virtualmente) de quem está longe e, estamos distantes daquelas que está perto de nós fisicamente.

“AQUI E AGORA”

Nós já vimos que a mulher do curta-metragem não está presente em si, em sua corporeidade. Ela é incapaz de ver o outro que está diante dela. Ela não entra em diálogo e parece até que não é capaz de estar presente na história que está a ponto de viver, na multidão ao seu redor, nos ritmos dos trens... Ela não tem consciência de que também faz parte de um todo.

Desejosas de conversão, diariamente... examinam sua vida para descobrir a ação do Espírito, agradecer a Deus e verificar sua fidelidade (Estatuto 4).

Acolher concretamente o mistério da Encarnação de Cristo e ser filhas deste mundo tão amado por Deus significa, permanecer vigilantes e imersas no momento atual, no “aqui e agora”, aceitar e aderir à realidade, estar no mundo fisicamente e de maneira consciente. Fazer uma releitura da vida, dar nome ao que está acontecendo significa **tomar consciência** do que sentimos e daquilo que muda ao nosso redor; isto é essencial para colocar-nos em movimento em nossos relacionamentos e no mundo. É uma espécie de bússola

que nos orienta de uma maneira coerente para o nosso carisma, para a obediência à nossa vocação específica, para as emoções que sentimos e aos apelos que recebemos. Uma bússola que nos orienta para o que podemos fazer, conscientes de que isto poderá evoluir e, para o que devemos parar de fazer, pois, de maneira realista, não podemos desenvolvê-lo. A consciência nos ajuda a não sermos abstratas, idealistas e a não ficar no “blá-blá”. Baseada em uma consciência sólida, a **responsabilidade** por aquilo que consideramos ser melhor para nós mesmas, para nossas Irmãs, para os pobres, nos dá a liberdade de escolher para onde ir ou, se for necessário, mudar de rumo.

Nossa consciência e responsabilidade aumentam quando nos acostumamos a reler nossa vida aqui e agora:

- O lugar onde vivemos, onde moramos e servimos;
- A Comunidade local ;
- Os pobres do bairro: eles estão diante de nós, são uma pessoa, um rosto, uma história, uma vida humana.
- As relações com os organismos e os colaboradores...
- O conjunto de acontecimentos, mudanças, desejadas ou não, as expectativas, os pedidos, os projetos, as reuniões, os imprevistos...

Conclusão pedagógica ou metodológica

Em nossa identidade de servas de Cristo nos pobres, desejamos seguir o método e a pedagogia do amor. Trata-se de descobrir em si mesma a profunda corrente do amor que anima toda a vida psicológica e espiritual para unificar a nossa vida. A Lei deste método é amar livre, consciente e deliberadamente com alegria aquilo de que realmente gostamos. O pensamento é de Santo Agostinho, porém, São Vicente o expressa de maneira diferente : *“Para serdes verdadeiras Filhas da Caridade, deveis fazer o que fez o Filho de Deus na terra. E o que fez Ele principalmente? (...) trabalhou constantemente pelo próximo, visitando e curando os doentes e instruindo os ignorantes, quanto à sua salvação. Como sois felizes, minhas Filhas, por terdes sido chamadas a um estado tão agradável a Deus!”*⁷ (Isto nos faz amar com alegria).

UMA ENTREGA DINÂMICA

No filme, a mulher quer a “sua” salada. Falta-lhe a liberdade e a **mobilidade** interior para questionar suas ideias iniciais, para deixar-se interpelar. Ela não pensa em desistir, recusa-se a levantar para ir comprar outra salada. Falta-lhe flexibilidade e mobilidade. A mobilidade exige flexibilidade e nos educa também para sermos flexíveis.

A Companhia mantém-se disponível e móvel para responder... aos apelos da Igreja e às urgências dos pobres...(C. 12b).

Este movimento de "ir e vir" é apenas uma consequência da identidade das Filhas da Caridade. No pensamento dos Fundadores, as primeiras Irmãs foram escolhidas por Deus para serem “apóstolas da caridade”⁸, servas dos pobres doentes. A verdadeira Filha da Caridade pertence a Deus para o serviço dos pobres. Isto exige que ela possa sempre ir e vir, para servir os pobres, todos os pobres, qualquer que seja a situação o lugar: uma Filha da Caridade está sempre no mundo!

Isto significa que as Filhas da Caridade devem estar fora das estruturas da vida religiosa, porém, tendo como modelo a vida consagrada dos primeiros séculos da Igreja. Graças a Deus, atualmente, não mais se fala da rigidez que era específica ao estilo monástico (horários, parlatórios, costumes diferentes...). As casas são muito mais simples e abertas. No entanto, a revisão da nossa maneira de viver (cf. Documento

Interassembleias, pág. 12) deve continuar, embora, algumas vezes, seja muito difícil. Devemos tentar superar com grande esforço algumas estruturas de mentalidade que nos distanciam de uma entrega incondicional.

A carta aos consagrados “Anunciai” diz que a vida consagrada não deve lançar a âncora missionária em portos experimentados, seguros, privados, pois sua segurança está no Cristo. Para percorrer um caminho de liberdade, o esforço e a graça do discernimento devem sempre estar presentes⁹.

“Somos convidadas a uma liberdade completa de tudo o que pode impedir ou dificultar os movimentos, restringindo ou abrandando o serviço dos pobres. Trata-se portanto de uma partilha que se configura como *liberdade de...* que se torna *liberdade para...* uma verdadeira imersão na realidade dos pobres, de acordo com a lógica da Encarnação, através de gestos concretos de acolhimento em nossos espaços geográficos e temporais. Não podemos servir os pobres, simplesmente fazendo belos projetos ou observando da janela. É preciso descer do pedestal, curvar-se, arregaçar as mangas e sujar as mãos. O serviço necessita da participação, da solidariedade, da partilha¹⁰.

Padre Alberto Vernaschi gosta muito de repetir que, *na realidade do serviço - seja ele qual for - é preciso fazer parte dele: com a cabeça (consciência), o coração (empatia) e com as mãos (operacionalidade)*. “*Deixamo-nos fascinar pela novidade dos projetos, das iniciativas e nos esquecemos de que a **mudança mais importante depende de nós** e da nossa vontade e capacidade de realizá-la.*”¹¹. *Uma doação dinâmica depende de nós.*

Renovamos nossa capacidade de ser disponível e móvel vivendo na simplicidade, sem multiplicar as “necessidades pessoais”. Logo, somos livres para ir onde o Senhor nos chamar. Quanto mais nos apegarmos às coisas, aos lugares e às pessoas, mais difícil será viver a mobilidade.

No filme, a mulher não é capaz de se doar, porém, o homem que está sentado diante dela é capaz. Importunado no momento de sua refeição, ele não somente aceita compartilhar o conteúdo do seu prato e vai mais longe, oferecendo-lhe um café. Ele não faz isso porque a sua vida é perfeita, mas porque está em seu ser.

As Irmãs contemplam e encontram Cristo no coração e na vida dos pobres” (C.10). “Elas vêem Cristo nos pobres e os pobres em Cristo” (C.10b).

Nossa vida é coerente quando encontramos Jesus diariamente e oferecemos-Lhe nossa disponibilidade para entrar em seu desígnio de amor, muitas vezes diferente dos nossos projetos pessoais e expectativas humanas.

O caminho proposto pelas Constituições no seguimento de Cristo tem por objetivo nos tornar livres e fazer de nós mulheres novas para o futuro. No seguimento de Jesus - o Homem novo, que doou a sua vida por amor - construímos o futuro, vivendo generosamente as Bem-aventuranças evangélicas, na alegria de oferecer tudo, sem reservas.

De acordo com o carisma de São Vicente e de Santa Luísa construímos junto o futuro, vivendo em comunhão com as Irmãs e os pobres. É importante educar o nosso olhar para ver o que a outra pessoa tem de belo em si e que nos enriquece, para reconhecer que o outro é um dom (Cf. mensagem de Quaresma, 2017 do Papa Francisco).

Através do Documento Interassembleias “A Audácia da Caridade”, a Companhia expressa muito bem a chave da formação que inclui a vida. Jesus nos acompanha no caminho e nos transforma, Ele nos dá a audácia de viver segundo o carisma e, esta audácia da caridade permite torná-Lo presente em nossa vida e na

vida dos nossos irmãos. Na vivência do carisma, descobrimos, com admiração, que os pobres são mediadores da nossa conversão e, somente com eles, podemos ser missionárias da esperança e da alegria. Os pobres são o nosso futuro, mas também o nosso presente, se formos capazes de escutá-los e deixar que nos interpelem com humildade e confiança. Pelos seus sofrimentos, os pobres nos mostram os “sinais dos tempos”; pela nossa vida, mostramos-lhes que um horizonte de amor é possível, porque está fundamentado na rocha da fidelidade de Deus.

Algumas sementes de sabedoria oferecidas pelos pobres:

*Alessio tem oito anos, vive em uma instituição, sua mãe é doente mental e seu pai ausente. No Natal, a equipe pedagógica pediu às crianças para fazerem um exercício sobre a classificação dos presentes: os verdadeiros, os bonitos, os ruins. Então, Alessio respondeu: o verdadeiro presente para mim é encontrar meu pai; os presentes bonitos: um drone, um carro vermelho do Homem-aranha; e os presentes ruins: não existem presentes ruins.

*Um desabrigado dorme feliz na rua principal de Catânia. Eu estava com pressa, no entanto, parei diante de um painel onde estava escrito: “*A cidade dorme*”. O dia passou freneticamente com todos os seus ruídos. Ali, em um canto da rua estava um mendigo idoso com tudo o que possuía e que chama de “casa”. Sentado, ele olha as pessoas “normais” que passam. Está sereno, não possui nada, no entanto as pessoas falam de crise, de preços altos ou de como se organizar para o último dia do ano. Ele está feliz em seu coração, não precisa correr ou dar presentes, tudo o que deseja é um simples sorriso das pessoas que passam. Porém, a noite chegou, as luzes da cidade se acenderam. As pessoas vão para suas casas. Ele também está em casa. Ele prepara sua cama, desdobra o papelão e contempla a cidade que começa lentamente a silenciar, pronta para dormir com os desabrigados, que, com a cidade, espera o início de um novo dia”.

* Em bairro da cidade de Catânia, moravam pessoas transexuais que se prostituíam. Um jornalista que passou alguns dias com elas, realizou um documentário extraordinário para mostrar o cotidiano de suas vidas e sua fé. O título do documentário era: “O Cristo está morto pelos pecados dos outros”. Transcrevo aqui o diálogo de duas destas pessoas:

- *Deus veio para os pecadores e não para os bons! Não posso dizer: “Amo Aquele que não vejo e depois não amar meu amigo que vejo”. O mais importante é reconhecer nossa amizade com Deus.*

- *Você tem fé ? Talvez você acredite em Deus quando precisa ?*

- *Não, não! Mesmo quando não precisamos, devemos buscar Deus!*

As pessoas nos criticam dizendo: “Mas, como? Elas são prostitutas e rezam para Deus? Não é contraditório? No entanto Maria Madalena também era uma prostituta.

- *É preciso compreender a mensagem do Senhor. De acordo com o que fazemos, nós nos prostituímos, mas ao mesmo tempo, cremos no Senhor que disse: “Eu não vim para curar todas as contradições do mundo. Eu vim para curar o coração dos homens”.*

São Vicente e Santa Luísa consumiram suas vidas não para realizar obras e instituições, mas, para anunciar o Cristo com criatividade e sagacidade, aos irmãos mais frágeis e vulneráveis. Pedimos a Deus para saber reconhecê-Lo nos pobres, servi-lo e acolher a graça da nossa conversão.

APELO, AMOR, ESPERA E DOAÇÃO

No final do filme de curta-metragem, a mulher começou a rir quando descobriu que alguém tinha olhado para ela e a aceitado. Foi um instante de lucidez. Alguém tinha compartilhado gratuitamente algo com ela e, através deste gesto, a pessoa em questão a tinha libertado. A não ser que ela estivesse rindo de si mesma. De uma maneira ou de outra, o outro lhe permitiu tornar-se um pouco mais consciente de si mesma e ela pôde sorrir.

As Filhas da Caridade, em fidelidade a seu batismo e em resposta ao *apelo* de Deus, doam-se inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, seus irmãos e irmãs, com um espírito evangélico de humildade, simplicidade e caridade. Um mesmo amor anima e dirige sua contemplação e seu serviço. Sabem, pela fé, que Deus as espera nos que sofrem (C. 7a e b). “*Sois pobres Filhas da Caridade que vos destes a Deus para o serviço dos pobres*”¹².

Neste artigo das Constituições, estão presentes: nossa identidade, nossa pertença a Deus e à Companhia, a missão e quatro belas palavras: *apelo*; amor; espera e doação. Nestes momentos difíceis vividos atualmente pelas congregações religiosas, devemos sentir mais intensamente a alegria de sermos testemunhas de um tempo, sem precedentes, de vocações para a Igreja, para a Companhia e para a Família Vicentina.

Na segunda carta da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, o próprio título “*Perscrutai*” enfatiza a importância de discernir os sinais dos tempos, na confiança de que Deus nos acompanha e nos faz perceber os sinais autênticos, por menor que sejam, como uma “brisa suave”, que Eli viu de longe, como um presságio de chuva iminente e refrescante¹³.

No final do filme observa-se que a mulher não procura o homem que estava diante dela para agradecer-lhe. Ela também não vê o outro pobre que mendigava. Tendo recebido este gesto de gratuidade, esperava-se que por sua vez ela pudesse fazer o mesmo.

UMA PALAVRA SOBRE A FORMAÇÃO

Depender do Espírito Santo é deixá-lo criar em nós a semelhança com o Cristo manso e humilde de coração (C.18). A formação permite viver a vocação como uma configuração progressiva a Cristo (C.49)... visa, antes de tudo, o crescimento de cada Irmã na fé (C.50) ... é antes de tudo a ação de Deus presente no coração da pessoa que Ele chama. Em seguida, é obra da própria Irmã (C.51a).

Com toda a formação que recebemos, pareceria normal que nossa vida mudasse. Como ajudar as Irmãs jovens, a partir das Constituições, a ter motivações e a forjar convicções sólidas? O Documento Interassembleias nos convida “*a zelar para que a formação não seja somente uma transmissão de conhecimentos, mas uma ocasião para construir convicções sólidas e enraizar-se sempre mais na vocação de Filha da Caridade* (pág. 23).

A “transmissão do conhecimento” é muito importante. Ler, escrever, estudar, aprofundar, confrontar, são sérios meios de formação. O amor e o conhecimento andam juntos como a raiz e a árvore, o alicerce e a casa. Sem o alicerce não existe casa; sem o conhecimento, sem o engajamento intelectual, o amor tem um frágil alicerce. Não desprezemos os estudos, o conhecimento, no entanto, o mais importante é o amor, para que a formação tenha um real impacto na vida concreta. Porém, os instrumentos não são automáticos. As Constituições não são uma fórmula mágica, mas caminhos de liberdade.

No curta-metragem, a mulher, mesmo após ter vivido uma experiência de partilha, não é capaz de viver a proximidade. Nós também somos convidadas a aceitar esta mulher, tal como ela é. Este filme nos faz refletir e nos convida a aceitar as pessoas tal como elas são.

Com certeza, temos algumas expectativas a respeito das Irmãs jovens de vocação. Mas, o Senhor talvez tenha *outras* expectativas. Deixemo-nos questionar pela Palavra de Cristo para que possamos ver o que vem de nós e o que vem de Deus. Como Moisés, a formadora acompanha a Irmã em formação, mas ela não entra na terra prometida. Ela faz de tudo o que está ao seu alcance, em seguida deixa o Espírito Santo trabalhar; espera que a Irmã jovem responda às solicitações da formação em diferentes níveis, maneiras e

momentos diferentes daqueles que se poderia desejar. Para que a nossa relação com Deus possa acontecer, devemos colocar nossa humanidade na escola de Jesus de Nazaré, ou seja, entrar na maneira de ver, falar, viver e amar Jesus de Nazaré para que a nossa humanidade se torne semelhante a Dele, ou talvez, menos diferente. A ênfase dada à Formação é um elemento permanente da nossa espiritualidade. O objetivo é um amor cada vez mais profundo. A formação tem o seu sentido quando provoca o desenvolvimento de uma verdadeira relação de amor com Deus e com os irmãos, para bem servi-los, pois “o bem deve ser bem feito” a fim de “*dar respostas sempre novas aos apelos contínuos de Deus. Ela não é só uma necessidade. É uma questão de justiça para com os pobres e cada Irmã*” (C.52a).

COM ALEGRIA

O filme termina com a senhora pegando o trem. Finalmente ela retoma seu caminho.

Com as Constituições que são o nosso guia seguro, não podemos perder-nos e temos como enfrentar os desafios do nosso tempo. Mesmo em tempos difíceis e mais obscuros, a “brisa leve” nos mostra no horizonte um futuro mais frutuoso. Como é reconfortante esta certeza que vem da Palavra de Deus!

Penso que antes de fazer previsões sobre as futuras vocações, devemos concentrar-nos na qualidade da nossa vida. Vivida com dignidade, toda vida é frutuosa para o Reino de Deus. Lá onde há uma verdadeira Filha da Caridade, o futuro da Companhia se constrói. “*Dai-me um homem de oração e ele será capaz de tudo*”, dizia São Vicente. Ao tentar ser o mais fiel possível na vivência das Constituições, atualizamos nossa identidade de caridade e o estilo da nossa missão. A comunhão - em todos os níveis - jamais a encontraremos pronta. Vivemos nossa vida como Filhas da Caridade a serviço das Irmãs jovens, com paciência, responsabilidade e determinação, mas também com admiração e gratidão. Sabemos que nada se realiza sem a comunhão, sem o esforço para construí-la, *não* em detrimento das dificuldades, *mas* através delas.

As Irmãs Jovens percebem também que, às vezes, pode existir uma certa solidão, falta de partilha e de colaboração. O mundo se torna cada vez mais globalizado e multicultural, no entanto, dentro de uma mesma cultura, algumas vezes temos dificuldades de aceitar as diferenças. Contudo, sabemos que a Comunidade é um lugar privilegiado para aprender a amar e ser amada. Irmã Evelyne Franc falava sobre o milagre de um Pentecostes permanente que se realiza em nossas Comunidades Locais. A fidelidade às Constituições exige cultivar uma dimensão *universal* que nos abre a horizontes mais vastos e nos tornam mais atentas às pessoas que estão ao nosso redor. Olhemos para elas como Maria: com um olhar materno, compassivo, capaz de responder às suas necessidades. Somos chamadas a ser a exemplo de Maria, plenamente mulher e plenamente fecunda.

Irmã Rosanna PITARRESI
Filha da Caridade

Notas:

¹ cf PC, Chapitre 2

² SV X 98, Constituições pág 10

³ cf CIVCSVA, *Repartir do Cristo*, n. 22

⁴ Irmã Evelyne Franc, Carta de introdução, pág. 7 das Constituições.

⁵ LUCIANO MANICARDI, Rivista “Servizio della Parola”, n. 440 – *Setembro de 2012*, p.8-19

⁶ ENZO BIANCHI, *Nella libertà e per amore*, Ed. Qiqajon

⁷ SV, conf. de 5 de julho de 1640, Sobre a vocação de Filha da Caridade: pág. 10 e 11 - SV IX,15-16).

⁸ SV, conf. de 8 de agosto de 1655, páginas 531.

⁹ Anunciai: aos consagrados e consagradas testemunhas do Evangelho entre as nações. Paulinas, n° 53.

¹⁰ Vernaschi Alberto, CM. “Per chiostro le vie della città. L'identità di ieri e di sempre delle Figlie della Carità”. Ed. CLV.

pág. 90

¹¹ Anunciai: aos consagrados e consagradas testemunhas do Evangelho entre as nações. Paulinas, nº 51

¹² SV, Instrução de 22 de outubro de 1650, às Irmãs enviadas para a Província, pág. 350.

¹³ Perscrutai: aos consagrados no caminho dos sinais de Deus. Paulus, nº 6.

Padre Tomaž Mavrič, Superior geral

Pontos para reforçar na formação das formadoras e na formação inicial

Minhas queridas Irmãs,

Para mim é uma grande alegria estar hoje com vocês. Espero que minhas reflexões possam ser úteis para a sua missão, tão importante e delicada, de formar as novas Filhas da Caridade. Tenho consciência de que o Seminarium está chegando ao fim e todas já receberam muitas informações. Com certeza, cada uma dedicou tempo para refletir sobre os assuntos aqui discutidos e, continuarão a fazê-lo nas próximas semanas e nos próximos meses.

Em função desta considerável partilha de conhecimentos realizada nas últimas semanas, algumas das minhas propostas correm o perigo de repetir algo que já foi discutido. Logo, como mestras, pois as formadoras certamente o são, sabem que a repetição tem um valor essencial no processo formativo. Precisamos ouvir algumas coisas várias vezes para poder assimilá-las. Aliás, basta olhar para São Vicente, um formador completo, para encontrar nele um exemplo. Ele não hesitou em dizer:

*“Para todos os lugares, tinha eu, entretanto, apenas um sermão, que acomodava de mil modos”*¹.

Pediram-me para responder-lhes duas questões nesta manhã, a saber:

- Em qual aspecto devemos dar ênfase na formação das formadoras?
- Quais aspectos da formação devemos reforçar no acompanhamento vocacional das jovens e das Irmãs em formação inicial?

Na preparação da minha resposta a primeira questão, percebi que ela responde também à segunda. De uma certa maneira, os onze pontos que evocarei aplicam-se ao mesmo tempo às formadoras e às Irmãs em formação. É a sua peregrinação pessoal como formadora que ajudará em seguida as Irmãs em formação a fazer a sua própria peregrinação. Caminha-se junto com as pessoas que estão em formação.

1- Adotar uma teologia “de baixo ao invés de uma teologia “do alto”. Abordem o outro a partir de sua consciência interior de suas próprias feridas e fragilidades. Esforcem-se em compreender o outro e consequentemente, responder-lhe em função do ponto de vista de uma ferida pessoal, muito mais do que em uma posição de autoridade que quer ferir ou humilhar a pessoa em formação. *Foi o reconhecimento e a admissão feita por Vicente de sua própria pobreza que o levaram a purificar seu coração, esse coração que batia bem forte pelas pessoas marginalizadas da sociedade, assim como pelos seus coirmãos como pelas Filhas da Caridade.*

A abordagem de Vicente sobre a pessoa não consistia em uma teologia “do alto”, mas sim, na pessoa a partir de sua própria pobreza, a abordagem de uma teologia “de baixo”. Acolher o estrangeiro que está em nós, que vive em cada um de nós, abraçar este estrangeiro, aceitá-lo, em seguida entregar tudo a Jesus para curar nossas feridas, entregarmo-nos totalmente a Ele e confiarmos inteiramente em sua

Providência: este era o caminho de Vicente. Que assim seja também para cada um de nós! (carta de 25 de janeiro de 2017).

A formação e o acompanhamento das jovens são difíceis em nossa época, sobretudo em certas culturas. No entanto, temos as palavras de Santa Luísa para nos consolar:

“É preciso um grande coração e grande firmeza para perseverar, visto termos apenas a obediência para nos segurar e, frequentemente, achamo-nos expostas ao perigo do desânimo, em muitas ocasiões! Não é para nós pequeno sofrimento o termos de experimentar tantos e tão diferentes espíritos e perdemos tanto tempo e anos empregados em servi-las, a fim de formá-las e depois, a fraqueza no-las arrebatou. Contanto que Deus seja glorificado, (isso) não nos importa! ...”².

2 - Construam sem equívocos sobre o seu próprio chamado e discernimento, em seu encontro pessoal com Jesus, sem limitar a formação a uma simples observação das regras. Será muito útil adotar as melhores práticas de sua própria formação para o seu serviço de formadora. As pessoas que contribuíram na sua maneira de ser Filha da Caridade podem servir-lhes de inspiração e de exemplo no esforço de transmitir o carisma à nova geração. Santa Luísa tinha consciência da necessidade de um bom discernimento, como disse à Irmã Bárbara Angiboust: *“Nossa Irmã, de Bernay [Maria Papillon] está bem de saúde, entretanto, ainda continua aqui. É preciso atenção nas que forem recebidas, para que sejam verdadeiramente vocacionadas; temos motivos de muito esperar desta; precisa porém um certo tempo para aprender a servir bem os pobres”³.*

3 - Ajudem as jovens em formação a criar a personalidade que a modelou, ajudando-a a enfrentar os seus obstáculos, seus sofrimentos, reconhecê-los e transformá-los em lugares de crescimento, lugares positivos para um futuro melhor, muito mais do que um lugar escuro de lutas sem saída frutuosa. São Vicente nos lembra: *“Trata-se de formar jovens que possam servir a Deus na Companhia, trata-se de fazê-las enraizar-se na virtude e ensinar-lhes a submissão, a mortificação, a humilde, a prática de suas regras e de todas a virtudes...”⁴.*

4 - Favoreçam os encontros regulares e pessoais com Jesus para que as jovens se sintam amadas por Jesus e que por sua vez, sejam capazes de amar. Estes encontros com Jesus no Sacramento da Eucaristia, na adoração do Santíssimo Sacramento e no Sacramento da Reconciliação, são meios essenciais de aprofundamento da nossa relação com Jesus. Não podemos esperar o crescimento na vida espiritual sem nos alimentarmos regularmente do próprio Sangue e do próprio Corpo de Jesus, na Eucaristia. A Bem-aventurada Giuseppina Nicolí, que também foi diretora do Seminário, reconheceu a importância de uma sólida vida sacramental. Ela instruiu as jovens Irmãs: *“A santa Comunhão nos transforma, e de uma certa maneira, torna-nos divinas... porque Deus está tão unido a nós, que nos tornamos uma com ele... Se percebêssemos o ardor com o qual nosso Senhor quer se doar a nós, ficaríamos confusas, humilhadas, aniquiladas pelo pensamento da nossa frieza ao dele nos aproximarmos”⁵.*

5- Garantam um contato com os pobres durante a formação. Como futuras servas dos pobres, as jovens que estão sob a sua responsabilidade precisam deste contato desde o início de sua vida na Companhia. Vocês também precisam deste contato, não somente para ensinar através do seu próprio exemplo, como também para conservar uma relação concreta com os pobres aos quais são chamadas a servir. O Bem-aventurado Frederico Ozanam expressou isto muito bem, quando disse: *“o conhecimento dos pobres e dos infelizes não vêm de uma leitura intensiva de livros ou de diálogos com homens políticos, mas das visitas aos casebres onde vivem, das vigílias na cabeceira dos moribundos, da experiência do frio que passam e da escuta de seus lábios sobre as causas dos seus infortúnios”⁶.* Sua orientadora, a Bem-aventurada Rosalie Rendu, ensinou igualmente às suas Irmãs, as atitudes adequadas para com os pobres: *“Amemos muito o bom Deus, não pechinchemos quando se trata do dever; sirvamos bem os pobres, falemos-lhes sempre com*

grande bondade. Se não agirmos desta maneria seremos castigadas: os pobres nos dirão injúrias, porém, quanto mais grosseiros forem, mais dignas devemos ser. Lembremo-nos de que estes farrapos ocultam Nosso Senhor”⁷.

6 - Ajudem as jovens a ler, meditar e a refletir a Sagrada Escritura em um encontro vivo com Jesus. São Jerônimo afirma: *“Ignorar as Escrituras é ignorar o próprio Cristo”*⁸. Nosso crescimento na vida espiritual depende de um encontro diário com Jesus em sua Palavra e na Eucaristia. Para conhecer o Senhor, devemos beber em grandes goles a água viva da Palavra de Deus.

São Vicente estava bem consciente da necessidade do crescimento na vida espiritual. Suas palavras dirigidas ao Padre Bernard Codoing aplicam-se aqui, hoje: *“Será bom, como me dizeis, formá-los na vida interior. Sem isto uma pessoa bem cedo acaba vendo logo chegar ao fim o seu fervor”*⁹. São Vicente deu este conselho crucial a um Superior do Seminário: *“Devemos ser como vasos transbordantes, escoando nossas águas sem nos exaurir. Devemos possuir este espírito, com o qual queremos que sejam animados. Na verdade, ninguém pode dar o que não tem”*¹⁰.

7- Busquem diversos meios para auxiliar o tempo quotidiano consagrado à oração. Mais uma vez, São Vicente nos dá algumas orientações: *“fazei-as compreender bem a maneira de fazer a oração sobre o tema de uma conferência, as razões para realizarem tal coisa. Por isso, tendes de levá-las a compreender a vantagem que delas advém e os inconvenientes existentes em deixar de fazê-la; depois têm de olhar os meios que possam ajudá-las a executar essa coisa o mais perfeitamente possível”*¹¹. Eu sei que algumas das jovens que se apresentam já chegam com uma vida espiritual bastante sólida. Pode acontecer que elas tenham sido acompanhadas por um diretor espiritual durante alguns anos ou tenham participado de grupos de oração ou de estudos bíblicos. No entanto, outras vêm com muita boa vontade mas pouco experiência da vida espiritual. A estas, Santa Luísa convida a ter simplicidade na oração, sobretudo durante as primeiras semanas de formação. Ela aconselha à Diretora do Seminário *“dir-lhes-á que rezem o terço na hora em que a Comunidade começa a fazer a oração, a fim de pedir a Deus, por intercessão da Santíssima Virgem e de São José, a graça de poderem fazer oração, quando a obediência lhes permitir rezar (com a Comunidade)”*¹².

8 - Construam a vida fraterna à imagem da Trindade. Como eu já disse na Carta para a Quaresma. *Jesus nos ajuda a compreender a Santíssima Trindade (...) a relação que existe entre as três Pessoas, o vínculo íntimo que as une e a influência da Trindade em cada uma das pessoas, e na sociedade em seu conjunto. À medida que, com a graça de Deus, descobrimos e desenvolvemos um vínculo indissolúvel entre a Trindade e cada pessoa, entre a Trindade e a Comunidade, entre a Trindade e a humanidade, aproximamo-nos cada vez mais do modelo perfeito de “relações”* que Jesus nos apresentou nas pessoas da Trindade. A Santíssima Trindade nos mostra a relação recíproca entre o Pai e o Filho, a relação recíproca entre o Pai e o Espírito, a relação recíproca entre o Filho e o Espírito, e a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. *O que podemos contemplar nestas “relações”? Podemos ver que a atenção está sempre voltada para a outra pessoa e não sobre si mesma. Podemos ver que a prioridade é sempre dada à outra pessoa e não a si mesma. Podemos ver que o louvor, a gratidão, a admiração são sempre dados à outra pessoa e não a si mesma. Podemos ver que cada uma das três Pessoas da Trindade expressa sempre a necessidade de colaborar com a outra para realizar a missão. Podemos ver que cada uma das três Pessoas da Trindade sempre expressa claramente que agir sozinha seria insuficiente e ineficaz para cada uma delas. (...) o modelo ideal da Trindade que Jesus nos deixou é o modelo que devemos seguir.*

Santa Luísa estava consciente das dificuldades que podem surgir em uma Comunidade, sobretudo onde diferentes gerações estão implicadas. Ela escreveu a Irmã Joana Lepintre: *“Creio, querida Irmã, que não deixais de advertir as Irmãs recém-chegadas a respeito da deferência cordial que devem ter para com as antigas. É coisa tão necessária que, se não cuidarmos dela, causaria grandes desordens na Comunidade. É preciso formar o espírito das jovens na submissão e mortificação interior, porque, de outro modo, só haveria confusão e as Irmãs antigas teriam motivos de descontentamento, se fossem ignoradas”*¹³.

9 - Continuem a descobrir Jesus Encarnado na vida quotidiana. Como eu já lhes disse em uma Carta do Advento, devemos ver e reconhecer a Encarnação “aqui e agora”. *A Encarnação significa que Deus se fez homem. Deus se torna um ser humano como nós. Deus se rebaixou ao nosso nível. Deus se identifica com cada pessoa, individualmente, desde o início da humanidade até o fim dos tempos. Jesus se encarna sempre e, cotidianamente, em todos os recôncavos do mundo. A cada concepção, no início de cada vida humana, Jesus se encarna novamente. Consequentemente, a presença real de Jesus na pessoa humana, sua Encarnação, deve ser reconhecida em cada período da história humana, em todas as áreas do desenvolvimento humano: (...). Este Jesus que foi concebido, que nasceu, que sofreu, que morreu e ressuscitou dos mortos, vive “AQUI E AGORA”; tem sede e deseja ser redescoberto através de nós, para renovar e aprofundar nossa proximidade com Ele, nossa amizade, o amor entre Ele e nós.*

10 - Dedicuem tempo para a contemplação, conscientes de que Vicente de Paulo era um “místico da Caridade”. *O teólogo Karl Rahner, no final do século XX, tinha pronunciado estas palavras proféticas: “o cristão do século XXI ou será místico ou não será cristão”.* Na primeira carta que eu escrevi às Filhas da Caridade, eu refleti sobre as razões que nos permitem descrever São Vicente como o místico da Caridade. Tenho certeza de que sua própria reflexão sobre o nosso Santo Fundador como místico da Caridade leva-as a descobrir outras maneiras de olhar sob este ângulo.

11- Leiam e meditem diariamente as Constituições atuais e as Regras dadas às Filhas da Caridade por São Vicente e Santa Luísa. Vocês podem planejar um tempo de leitura e de meditação de um parágrafo das Constituições por dia e quando tiveram terminado, comecem este mesmo processo de leitura-meditação com as Regras. Vocês continuarão alternando ao longo de todo o ano e de toda a vida. Eu percebi que as Diretoras aqui presentes leem as Constituições e as Regras em preparação às instruções, para ensiná-las às Irmãs do Seminário, porém, é preciso também ler e meditá-las de maneira regular para o seu próprio crescimento espiritual e sua formação. Se vocês não conhecem as Constituições, como poderão vivê-las?

Estes pontos que citei podem parecer assustadores, e talvez seja o caso. Ora, lembrai-vos das palavras de São Vicente à Irmã Juliana Loret, a primeira Diretora do Seminário: *“Minha filha, por vós mesma, nada conheceríeis; não tendes nem capacidade, nem luzes para isso. Nosso Senhor Jesus Cristo, porém, fará em vós e será Ele mesmo a vossa capacidade e vossa luz. Sede uma Irmã de oração e Nosso Senhor ensinar-vos-á tudo o que tendes de saber”*¹⁴.

Tomaž MAVRIČ, CM
Superior geral

Notas

¹ SV, vol. XII, conf. de 17 de maio de 1658, sobre a observância das regras, pág. 8.

² SL, C.293, ao senhor Abade de Vaux em Agers, 29 de junho de 1649, pág. 334.

³ SL, C. 526, à Irmã Bárbara Angiboust em Bernay, 29 de março de 1656, pág. 570.

⁴ Documento, 458, Conselho de 30 de outubro de 1647, pág. 565-566.

⁵ Escritos de Irmã Giuseppina Nicoli, Q XVII, Instruções às Irmãs do Seminário, 1912, págs. 141 e 143, Arquivos

das Filhas da Caridade em Calhari (Itália); citado em Antonello, Erminio, *Uma Mística da Caridade: bem-*

aventurada Giuseppina Nicoli Roma: CLV Edizioni Vincenziane, 2007, pág 159.

⁶ Bem-aventurado Frederico Ozanam, discurso na Assembleia geral de SSVP de 14 de dezembro de 1848.

⁷ *Positio*, “Sumário do Processo Ordinário de Paris”, pág 56-57.

⁸ São Jerônimo, *Comentário sobre Isaías*, Livro XVIII.

⁹ SV, vol II, carta 639, a Bernard Codoing, em Roma, 30 de janeiro de 1643, pág. 421.

¹⁰ SV, vol IV, carta 1.623, a um superior do Seminário, pág. 664.

¹¹ Documentos, 465, Conselho da Companhia de 22 de março de 1648, pág. 579.

¹² SL, E.48, Regulamento para a Casa principal, pág. 868.

¹³ SL, C.417, À minha querida Irmã Joana Lepintre, em Nantes, 24 de agosto de 1652, pág. 460.

¹⁴ Documento 465, Conselho da Companhia de 22 de março de 1648, pág. 579.

DESIGNAÇÕES E NOMEAÇÕES

Designação das Visitadoras e nomeação dos Diretores Provinciais

PROVÍNCIA DA ERITREIA: Irmã Lettekidan LUCAS foi designada Visitadora no dia 2 de novembro de 2016.

PROVÍNCIA ESPAÑA NORTE: Irmã Maria Concepcion GONZALEZ IZQUIERDO foi designada Visitadora no dia 2 de novembro de 2016.

PROVÍNCIA DA ETIÓPIA: Irmã Hiwot ZEWDE foi designada Visitadora no dia 14 de dezembro de 2016.

PROVÍNCIA SAINT LOUISE-USA: Irmã Catherine Mary NORRIS foi designada Visitadora no dia 14 de dezembro de 2016.

PROVÍNCIA DE LOS ALTOS HILLS: Irmã Julie KUBASAK foi designada Visitadora no dia 5 de abril de 2017.

PROVÍNCIA COLÔNIA-PAÍSES BAIXOS: Irmã Christine EGER foi designada Visitadora no dia 5 de abril de 2017.

PROVÍNCIA ESPAÑA ESTE: Irmã Juana M^a BELZUNEGUI LIZARRAGA foi designada Visitadora no dia 5 de abril de 2017.

PROVÍNCIA DO PRÓXIMO ORIENTE: Irmã Laurice OBEID foi designada Visitadora no dia 17 de maio de 2017.

PROVÍNCIA DA ESLOVÊNIA/ REGIÃO DA ALBÂNIA: Irmã Francka SAJE foi designada Visitadora no dia 12 de julho de 2017.

PROVÍNCIA GRAZ-EUROPA CENTRAL: Irmã Magdalena POMWENGER foi novamente designada Visitadora por três anos, no dia 26 de julho de 2017.

NOMEAÇÃO DOS DIRETORES PROVINCIAIS

PROVÍNCIA DA ÁFRICA CENTAL: o Padre Nestor GOMEZ foi nomeado Diretor provincial no dia 10 de março de 2017.

PROVÍNCIA DOS CAMARÕES: o Padre Frédéric Armand OLANGUINA foi nomeado Diretor provincial no dia 4 de abril de 2017.

PROVÍNCIA MADRID SANTA LUISA: o Padre Joaquin Gonzalez HERNANDO foi nomeado Diretor provincial no dia 4 de abril de 2017.

PROVÍNCIA ESPAÑA SUR: o Padre José Maria LOPEZ MASIDE foi novamente nomeado Diretor Provincial por três anos, no dia 12 de maio de 2017.

PROVÍNCIA DE FORTALEZA : o Padre Jânio José PEREIRA DA SILVA foi nomeado Diretor provincial no dia 12 de maio de 2017.

PROVÍNCIA ESPAÑA NORTE: o Padre Teodoro Martin ESTEBAN foi nomeado Diretor provincial por três anos, no dia 19 de maio de 2017.

PROVÍNCIA COLÔNIA-PAÍSES BAIXOS: o Padre Georg WITZEL foi novamente nomeado Diretor provincial por três anos, no dia 14 de junho de 2017.

PROVÍNCIA DA TAILÂNDIA: o Padre Victor PACHECO foi novamente nomeado Diretor Provincial por três anos, no dia 14 de junho de 2017.

PROVÍNCIA DA IRLANDA: o Padre Mark NOONAN foi novamente nomeado Diretor provincial por três anos, no dia 14 de junho de 2017.

PROVÍNCIA DE SAINT LOUISE-USA: o Padre John KETTELBERGER foi nomeado Diretor Provincial, no dia 14 de junho de 2017.

PROVÍNCIA DA ÁUSTRÁLIA: o Padre Philip ROBSON foi nomeado Diretor provincial, no dia 22 de junho de 2017.

PROVÍNCIA DE CURITIBA : o Padre Marcos GUMIEIRO foi nomeado Diretor provincial, no dia 22 de junho de 2017.

PROVÍNCIA DE BELO HORIZONTE : o Padre Francisco Ermelindo GOMES foi novamente nomeado Diretor provincial por três anos, no dia 22 de junho de 2017.

PROVÍNCIA ESPAÑA ESTE: o Padre Julian Arana JIMENEZ foi nomeado Diretor provincial no dia 22 de junho de 2017.

PROVÍNCIA DE GRAZ-EUROPA CENTRAL: o Padre Alexander JERNEJ foi novamente nomeado Diretor provincial por seis anos, no dia 19 de outubro de 2017. O Padre Szabolcs BARTA foi nomeado Vice-Diretor por seis anos, no dia 19 de outubro de 2017.

PROVÍNCIA DO CARIBE: o Padre Pedro DUARTE foi nomeado Diretor provincial no dia 13 de setembro de 2017.

ÍNDICE GERAL DE 2017

Índice geral de 2017

VIDA DA IGREJA

- O Papa Francisco saúda os discípulos de São Vicente de Paulo Vaticano, 27 de setembro de 2017 setembro-outubro 274
- Mensagem do Papa Francisco dada durante a audiência à Família Vicentina Praça São Pedro, Roma, 14 de outubro de 2017..... setembro-outubro 279

VIDA ESPIRITUAL

SUPERIORES GERAIS

Padre Tomaž MAVRIČ

Cartas e conferências

- Encontro com as Irmãs da Casa Mãe..... janeiro-fevereiro 5
- Ano jubilar, 400º aniversário do carisma vicentino janeiro-fevereiro 10
- Quaresma 2017 março-abril 75
- Carta de 8 de março de 2017..... maio-junho 132
- Em vista de uma cultura vocacional renovada para a vida consagrada..... setembro-outubro 282
- Advento 2017 novembro-dezembro 354
- Pontos a serem reforçados na formação das formadoras e na formação inicial..... novembro-dezembro 418

Irmã Kathleen APPLER

Cartas e conferências

- Carta de 1º de janeiro de 2017..... janeiro-fevereiro 2
- Abertura da Sessão das Irmãs da Europa a serviço dos migrantes janeiro-fevereiro 28
- Carta de 2 de fevereiro de 2017..... março-abril 66
- Carta de 25 de março de 2017..... março-abril 81
- Carta de 9 de maio de 2017: *“Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe”*..... maio-junho 130
- Carta de 15 de agosto de 2017 julho-agosto 194
- Abertura do Seminário julho-agosto 197
- A formação: cultivar os campos de trigo de Deus julho-agosto 243
- Carta de 3 de outubro de 2017 setembro-outubro 288
- Carta de 25 de novembro de 2017..... novembro-dezembro 361

Padre Bernard SCHOEPFER

Conferências

- Retiro de fim de ano na Casa Mãe: o carisma janeiro-fevereiro 14
- Conferência em preparação à Renovação dos Votos de 2017: *“Com humildade e simplicidade, vivamos como filhos da luz”*..... março-abril 84

• A regra das Filhas da Caridade é Cristo	julho-agosto	252
• O Espírito Santo nos conduz.....	novembro-dezembro	364

OUTROS CONFERENCISTAS

• “ <i>Idas e vindas</i> ”		
Padre Yves Bouchet, cm	maio-junho	134
• “ <i>Eu era um estrangeiro e me acolhestes</i> ”		
• Jubileu 2017 da Família Vicentina	janeiro-fevereiro	26
<i>Sessão de Irmãs da Europa a serviço dos migrantes</i>		
• Abertura da Sessão		
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral	janeiro-fevereiro	28
• Fundamentos bíblicos e vicentinos para o acolhimento do estrangeiro		
Padre Álvaro Restrepo	janeiro-fevereiro	34
• A mobilidade no mundo		
Irmã Begona Inarra, Irmã Missionária de Nossa Senhora da África.....	março-abril	94
• Fundamentos evangélicos para o acolhimento dos migrantes		
Irmã Begona Inarra, Irmã Missionária de Nossa Senhora da África	maio-junho	145
<i>Seminarium 2017</i>		
• Abertura		
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral	julho-agosto	197
• O contexto do mundo atual e sua influência na formação		
Irmã Judette Gallares, Religiosa do Cenáculo	julho-agosto	205
• As novas tecnologias, a criatividade e a utilização responsável no discernimento		
Irmã Judette Gallares, Religiosa do Cenáculo	julho-agosto	220
• A formação: cultivar os campos de trigo de Deus		
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral	julho-agosto	243
• A Regra das Filhas da Caridade é Cristo		
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral	julho-agosto	252
• A formação do coração e a consciência moral		
Padre Patrick Griffin, cm	julho-agosto	261
• “A sós com Deus”, a formação da consciência moral		
Padre Patrick Griffin, cm	setembro-outubro	290
• A importância e a necessidade da formação contínua das formadoras		
Irmã Nora Gatto, Filha da Caridade.....	setembro-outubro	305
• Acompanhamento, meio eficaz para crescer no seguimento de Cristo na Companhia		
Irmã Gloria Aniebonam, Filha da Caridade.....	setembro-outubro	316
• Alguns meios concretos para o acompanhamento		
Irmã Gloria Aniebonam, Filha da Caridade.....	setembro-outubro	322
• Pertença e participação na vida da Companhia		
Irmã Rosa Maria Miro, Filha da Caridade.....	setembro-outubro	328
• O Espírito Santo nos conduz		
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral	novembro-dezembro	364
• A vitalidade do carisma na Companhia		
Padre Javier Alvarez, cm	novembro-dezembro	375

• A vocação missionária da Companhia Padre Javier Alvarez, cm	novembro-dezembro	387
• As Constituições nos tornam livres para amar Irmã Rosanna Pitarresi, Filha da Caridade.	novembro-dezembro	400
• Pontos a serem reforçados na formação das formadoras e na formação inicial Padre Tomaž Mavrič, Superior geral	novembro-dezembro	418

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

DÉSIGNAÇÃO DAS VISITADORAS E NOMEAÇÃO DOS DIRETORES

Visitadoras

• Eritreia.....	novembro-dezembro	425
• Espanha Norte	novembro-dezembro	425
• Etiópia	novembro-dezembro	425
• Saint Louise - USA.....	novembro-dezembro	425
• Los Altos Hills	novembro-dezembro	425
• Colônia- Países Baixos	novembro-dezembro	425
• Espanha Este	novembro-dezembro	425
• Próximo Oriente	novembro-dezembro	425
• Eslovênia-Região da Albânia	novembro-dezembro	425
• Graz-Europa Central	novembro-dezembro	425

Diretores

• África Central	novembro-dezembro	426
• Camarões	novembro-dezembro	426
• Madrid Santa Luísa	novembro-dezembro	426
• Espanha Sur	novembro-dezembro	426
• Fortaleza	novembro-dezembro	426
• Espanha Norte	novembro-dezembro	426
• Colônia - Países Baixos	novembro-dezembro	426
• Tailândia	novembro-dezembro	426
• Irlanda	novembro-dezembro	426
• Saint Louise - USA.....	novembro-dezembro	426
• Austrália	novembro-dezembro	426
• Curitiba	novembro-dezembro	426
• Belo Horizonte	novembro-dezembro	426
• Espanha Este	novembro-dezembro	426
• Graz-Europa Central	novembro-dezembro	426
• Del Caribe	novembro-dezembro	426

VIDA DAS PROVÍNCIAS

ÁFRICA

África Central

• Nomeação do Diretor provincial	novembro-dezembro	426
--	-------------------	-----

Camarões

• Todas as vezes que fizestes isto a um destes pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes		
Irmãs da Província.....	maio-junho	162
• Nomeação do Diretor provincial	novembro-dezembro	426
Eritreia		
• Designação da Visitadora	novembro-dezembro	425
Etiópia		
• Designação da Visitadora	novembro-dezembro	425
Nigéria		
• Acompanhamento, meio eficaz para crescer no seguimento de Cristo na Companhia		
Irmã Gloria Aniebonam, Filha da Caridade.....	setembro-outubro	316
• Alguns meios concretos para o acompanhamento		
Irmã Gloria Aniebonam, Filha da Caridade.....	setembro-outubro	322
AMÉRICA DO NORTE		
Los Altos Hills		
• Designação da Visitadora	novembro-dezembro	425
Saint Louise - USA		
• A misericórdia nunca é forçada		
Irmã Emile Morgan, Filha da Caridade	maio-junho	155
• A importância e a necessidade da formação contínua das formadoras		
Irmã Nora Gatto, Filha da Caridade.....	setembro-outubro	305
• Designação da Visitadora	novembro-dezembro	425
• Nomeação do Diretor provincial	novembro-dezembro	426
AMÉRICA LATINA		
Brasil		
<i>Belo Horizonte</i>		
• Nomeação renovada do Diretor provincial	novembro-dezembro	426
<i>Curitiba</i>		
• Casa de acolhida São José		
As Irmãs da Casa de acolhida	março-abril	106
• Nomeação do Diretor provincial	novembro-dezembro	426
<i>Fortaleza</i>		
• Uma Comunidade em movimento (continuação)		
Comunidade Êxodo	janeiro-fevereiro	62
• Nomeação do Diretor provincial	novembro-dezembro	426
Del Caribe		
• Nomeação do Diretor Provincial	novembro-dezembro	426

Equador

- Ilhas Galápagos
Irmãs da Província março-abril 114

ÁSIA

Próximo Oriente

- Designação da Visitadora novembro-dezembro 425

Tailândia

- Nomeação renovada do Diretor provincialnovembro-dezembro 426

EUROPA

Colônia Países Baixos

- Designação da Visitadora novembro-dezembro 425
- Nomeação renovada do Diretor provincial novembro-dezembro 426

Espanha

España Este

- Pertença e participação na vida da Companhia
Irmã Rosa Maria Miro, Filha da Caridadesetembro-outubro 328
- Designação da Visitadoranovembro-dezembro 425
- Nomeação do Diretor provincial.....novembro-dezembro 426

España Norte

- Designação da Visitadora novembro-dezembro 425
- Nomeação do Diretor provincial..... novembro-dezembro 426

España Sur

- A Casa de Misericórdia Santa Isabel à Madrid
Irmãs Júlia Gonzalez e Inès Higes, Filhas da Caridade janeiro-fevereiro 51
- Nomeação renovada do Diretor provincial novembro-dezembro 426

Madrid Santa Luísa

- Nomeação do Diretor provincial..... novembro-dezembro 426

Graz-Europa Central

- São Vicente, modelo de relacionamento com os prisioneiros
Irmã Leopoldine Krenn, Filha da Caridademarço-abril 110
- Designação renovada da Visitadora novembro-dezembro 425
- Nomeação renovada do Diretor provincial..... novembro-dezembro 426
- Nomeação do Vice-Diretor provincial novembro-dezembro 426

Irlanda

- Nomeação renovada do Diretor provincial..... novembro-dezembro 426

Itália

Nápoles

- As Constituições nos tornam livres para amar
Irmã Rosanna Pitarresi, Filha da Caridade.. novembro-dezembro 400

Quase-Província

- “Bendize, ó minha alma, ao Senhor!”
Irmã C., Filha da Caridade março-abril 121
- Peregrinação da relíquia do “Coração” de São Vicente
1617-2017: 400 anos depois, o “coração” de Vicente de Paulo
ainda parte em missão
A equipe de redação janeiro-fevereiro 44

Eslováquia

- Sair do círculo vicioso
Comunidade de Lokca maio-junho 160

Eslovênia – Região da Albânia

- Designação da Visitadora novembro-dezembro 425

OCEÂNIA

Austrália

- Nomeação do Diretor provincial novembro-dezembro 426

A CARTA MAGNA DAS FILHAS DA CARIDADE

CONSAGRADAS PARA “ESTAR MAIS EXPOSTA”, CONSAGRADAS “PARA CHEGAR A TODOS”

- “Véu”
Padre Jérôme Delsinne, cm janeiro-fevereiro 55
- “Elas fazem profissão”
Padre Jérôme Delsinne, cm março-abril 122

HISTÓRIA DA COMPANHIA

- A vida de Vicente de Paulo
Marie-Joëlle Guillaume, historiadora católica maio-junho 168